

FOTOGRAFIA EXPANDIDA AS MARISQUEIRAS



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



NITERÓI
O FUTURO É AGORA

CULTURA É UM
DIREITO



FUNDAÇÃO
DE ARTE
DE NITERÓI



Realização:

Geodésica Produções

Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro

Lei Paulo Gustavo

Ministério da Cultura

Apoio:

Mac - Museu de Arte Contemporânea de Niterói

MACquinho - Centro Cultural de Cidadania e Economia Criativa

Fotografia Expandida - As Marisqueiras

**Idealização, Coordenação Geral
e Produção Executiva:**

Julia Botafogo

Produção:

Joanna da Hora

Fotografias:

Josemias Moreira

Direção de Arte e Oficineira:

Uýra Sodoma

Marisqueiras:

Ana Carolina de Moraes

Ana Paula de Jesus

Caren Caetano

Carol Caetano

Cintia Teodoro

Cláudia das Neves

Cristina da Conceição

Rayane Vitória

Salete Feliciano

Coordenação de Pesquisa:

Marina Freire

Tainá Mie Soares

Acessibilidade:

Michele Tizuka

Produção de Texto:

Ademas da Costa

Marina Freire

Tainá Mie Soares

Arte e Edição:

Insônia Editora

(João Giorno e Vinícius Lobo)

Niterói - RJ

2024

ÍNDICE

Acessibilidade	6
Imagens Expandidas	9
Introdução	11
Ensaio de Fotoperformance	18
Ensaio	
Vozes	
Fotógrafo / Josemias Moreira	
Artista Convidada / Uyrá Sodoma	
Cartografia Visual	69
Mosaico	
Mapas	
Corpo/Território	
Pesquisa Comunitária	89
Relato de Experiência	
As Marisqueiras da Boa Viagem: <i>do mexilhão à arte de viver</i>	
Mini Bios	122
Ficha Técnica	125

ACESSIBILIDADE

Este catálogo, produzido no formato de um documento acessível, contém nove audiodescrições (uma de cada fotografia de cada marisqueira) no formato de textos, por meio da ferramenta de texto alternativo.

Assim, com o uso de um leitor de tela, é possível ter acesso às audiodescrições, sem que haja perda do fluxo de texto contínuo do documento do catálogo. O catálogo, no entanto, está acessível a leitores de tela, uma vez que o seu desenvolvimento e edição final permitem manter as formatações de textos originais e buscou-se: a utilização de fontes não serifadas; a garantia de que texto, fundo e demais elementos do layout tenham cores contrastantes; uma criação de padrão único para todo o documento; a disposição dos elementos de forma lógica e consistente, com o uso de títulos e subtítulos, preservando o sequenciamento das leituras.

Além disso, a equipe de acessibilidade desenvolveu ações no vídeo-teaser de lançamento e divulgação do catálogo. Foi produzida uma versão que recebeu a inclusão da janela de libras, uma com legendas descritivas e uma com audiodescrição da paisagem do vídeo. Neste último, apenas com o som de fundo, removemos as narrações e falas, e focamos na descrição das cenas do vídeo-teaser, de modo ao leitor ter também essa experiência sensorial da paisagem, que

é rica e exuberante. No início deste vídeo, a pessoa é informada dessa questão, e na sequência da playlist é disponibilizado o vídeo com as falas e depoimentos das marisqueiras.

Michelle Mayumi Tizuka

[Link para vídeo do teaser em LIBRAS.](#)

[Link para vídeo teaser com Audiodescrição.](#)

“Não dá para falar em nome de todos, mas o que não se vê facilmente, deixa de existir.”

“Como podemos ser o invasor, se estamos aqui há tanto tempo? E não só estamos aqui há muito tempo, como estamos aqui com valor. O que fazemos é importante, é belo.”

Uýra Sodoma

IMAGENS EXPANDIDAS

Nosso corpo se sedimenta e se expande através do nosso contato com a pesquisa e nos afetos.

Nosso processo de trabalho é tão importante quanto nossos produtos.

A metodologia que operamos, seja para produzir um ensaio fotográfico, um filme, seja para aplicar uma formação, é sempre pautada na escuta, no compartilhamento de saberes e técnicas e no tempo e disponibilidade da comunidade e território em questão.

Acreditamos piamente na construção coletiva e horizontalizada de outras imagens, histórias e narrativas político-culturais, através de produtos de qualidade técnica e artística.

Nossa base vem dos movimentos sociais, feministas, agroecológicos, da cultura livre, comprometidas com comunidades tradicionais quilombolas, indígenas e pescadores, pescadoras e caiçaras.

Focamos na auto representação positiva de grupalidades não-hegemônicas, pensando sempre nos recortes de classe, raça, gênero, sexualidade e sócio-ambientais, com o compromisso com as lutas políticas de libertação e autonomia.

Não separamos cultura, estética, direção criativa e metodologia de trabalho de suas dimensões políticas.

Nosso trabalho se dá através de parcerias com pessoas que compartilham da nossa visão e do nosso fazer artístico, pedagógico e político.

Geodésica é resultado de afinidades políticas, afetivas e profissionais.

Julia Botafogo e Taís Lobo
Geodésica Produções

INTRODUÇÃO

O que vocês mais desejam?
-Deixar de ser invisíveis!



Marisqueira - Mulher que entra nos domínios das águas salgadas, mar-isca. Mulher da pele preta, molhada, salgada, úmida e com cicatrizes por fora e por dentro. Grita, unha, morde entre os dentes, põe fogo na lenha, arranca da pedra a concha, cozinha. Descasca, lava, joga no latão. Se movimenta e com ela, *toda a estrutura da sociedade se movimenta também*¹.

Trabalho dos corpos femininos na pesca artesanal, controlados pelo patrão homem, o dono do barco e o atravessa-dor. Entre a fumaça que arde os olhos e o sal que a língua sente na boca, o que não pode ser captado por uma fotografia? E o que a lente da câmera recor-

¹ DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

ta? Entre a luz e a sombra, que imagem é essa? Tem o poder imanente de fazer visível - o invisível? Dialética na imobilidade que faz com que a imagem e a não imagem possam sucumbir ao desejo de serem capturadas ambas ao mesmo tempo e para além da temporalidade.

Como fotografar o invisível e revelar o desejo? O que fazer *diante da dor dos outros*, como provocou Susan Sontag² e como perder o medo do feminismo negro, para que as pessoas privilegiadas percebam que a luta das mulheres pretas é essencial e urgente, pois enquanto estas seguirem sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo, como aponta Djamila³?

Nesse labirinto com mais perguntas que respostas, a fotógrafa, cineasta e produtora cultural Julia Botafogo iniciou a travessia de construir um ensaio de fotoperformance com as mulheres marisqueiras da Praia da Boa Viagem, em Niterói/RJ. Ideia que surgiu por elas mesmas e a partir do trabalho na comunidade da favela do Morro do Palácio, em Niterói. O trabalho de Cartografia Visual das marisqueiras foi realizado a convite da pesquisadora Marina Freire e realizado pela Geodésica Produções, em parceria com a cineasta Taís Lobo. Conhecer essas

2 SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

3 RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019, 135 p

mulheres e suas histórias de vida, de luta, de resistência no contexto da cidade que oprime e violenta foi o cais de embarque do processo de um documentário, iniciado em 2023 e que se desdobrou na presente publicação. Entre a cultura tradicional da pesca e o mundo urbano contemporâneo, o fluxo de narrativas femininas trouxe à tona profundas reflexões e o debate sobre o olhar para si e o olhar do outro.

De ilha em ilha do arquipélago simbólico que forma o território-mareatório das mulheres marisqueiras da Boa Viagem, Julia foi lançando sua rede e encontrando elementos como a pesquisa do Levantamento Preliminar de Referências Culturais da Boa Viagem. A pesquisa que agora é publicada junto ao presente catálogo foi fruto da investigação das pesquisadoras Marina Freire, a psicóloga Nathália Batista e contou com minha participação como historiadora.

Através da oportunidade do Edital da Lei Paulo Gustavo - Diversidades em Diálogo da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, o projeto Fotografia Expandida - As Marisqueiras foi selecionado para fomento. Josemias Moreira, fotógrafo e artista visual, “cria” da comunidade do Morro do Palácio foi o escolhido porque além de fazer parte de uma família de marisqueiras, conhece o território e a história de cada

mulher marisqueira, criando um ambiente de confiança e entrega na criação artística. A diretora de arte e artista Uýra Sodoma foi convidada para dirigir o ensaio e realizar uma oficina de fotoperformance com as mulheres. Ademais da Costa e Marina Freire aprofundaram o debate com a produção do artigo científico que compõe o catálogo, que contou com a organização de Joanna da Hora, Julia Botafogo, Marina Freire e com a minha colaboração. A edição é da Insônia Editora, bem como os desenhos e design gráfico.

Através de um percurso que traz o território-mareatório das marisqueiras, que é corpo mas que também é terra, é mar, é a favela do Morro do Palácio, é a Praia da Boa Viagem, nessa paisagem composta pelo Museu de Arte Contemporânea e o Centro Comunitário projetado por Niemeyer, o catálogo conduz o leitor por esse conjunto que busca ser crítico e ao mesmo tempo poético. Se inicia com uma parte mais visual, fotos do ensaio de performance dirigidas pela artista convidada Uýra Sodoma. As vozes das marisqueiras, extraídas do documentário e de outras entrevistas, estão ao longo da publicação, assim como os verbetes, que trazem termos estratégicos sobre a vida e a realidade das marisqueiras. Sentir o contraste de como elas percebem sua imagem perante a sociedade e as imagens produzidas é impactante.

Mariscar na maré de imagens, e conteúdos pescados nessa rede, traz para o centro do debate esse mundo marcado pelo impacto das mudanças climáticas, onde as mulheres negras estão na linha de frente dos grupos mais afetados. São a parcela mais pobre da sociedade brasileira, seu trabalho é o mais precário, têm os rendimentos mais baixos e as que têm maior dificuldade de completar a escolarização além de serem 67,4% das mulheres assassinadas no país, segundo o Atlas da Violência de 2021⁴. Mas, como a própria Uýra disse, na condução da oficina de fotoperformance: a relevância de se produzir e de se criar, para o futuro, imagens de alegria e de prazer de povos e grupos populacionais historicamente subalternizados ou como diz Angela Davis, quando falamos da História do povo negro, sempre nos lembramos da violência inenarrável da escravidão, mas não devemos nos esquecer de que nas lutas pela sobrevivência e pela superação da violência sempre estiveram presentes a criação de alegria, de beleza e de prazer. Estes são os presentes do povo negro para o mundo.⁵

Desejamos que essas primeiras fotografias sejam incomparáveis, como apresenta W. Benjamin, talvez porque

⁴ Atlas da violência 2021. Autor(es):, Cerqueira, Daniel · Ferreira, Helder · Bueno, Samira.

⁵ DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

representam a primeira imagem do convite para o encontro entre a sociedade da máquina, com o corpo e a alma dessas mulheres negras e pescadoras artesanais. Essa metáfora fotográfica que ora se apresenta, em um mundo onde as câmeras são cada vez menores e mais cotidianas, captando imagens efêmeras e despidas de significado simbólico, as fotos ganham significado de provas. Para romper camadas de apagamento, essas fotografias são como um conjunto de indícios do processo histórico, cabendo aos que as percebem criticamente legendar essas imagens⁶, dando a elas seu sentido político. Assim como o ciclo infinito das marés, o curto-circuito da interação entre o verbal e o imagético revelam esse arquipélago de significados e corpos.

Boa Viagem

Taina Mie

@sementelivre

⁶ BENJAMIN, W (1985). *Obras escolhidas. Vol. I: Magia e técnica, arte e política*. (S.P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Brasiliense.

ENSAIO
DE

FOTO
PERFORMANCE

Praia de Boa Viagem, Niterói-RJ
23 de junho, 2024

Fotos de Josemias Moreira
Direção de Arte de Uyrá Sodoma



































Ma.ris.quei.ra

sf.

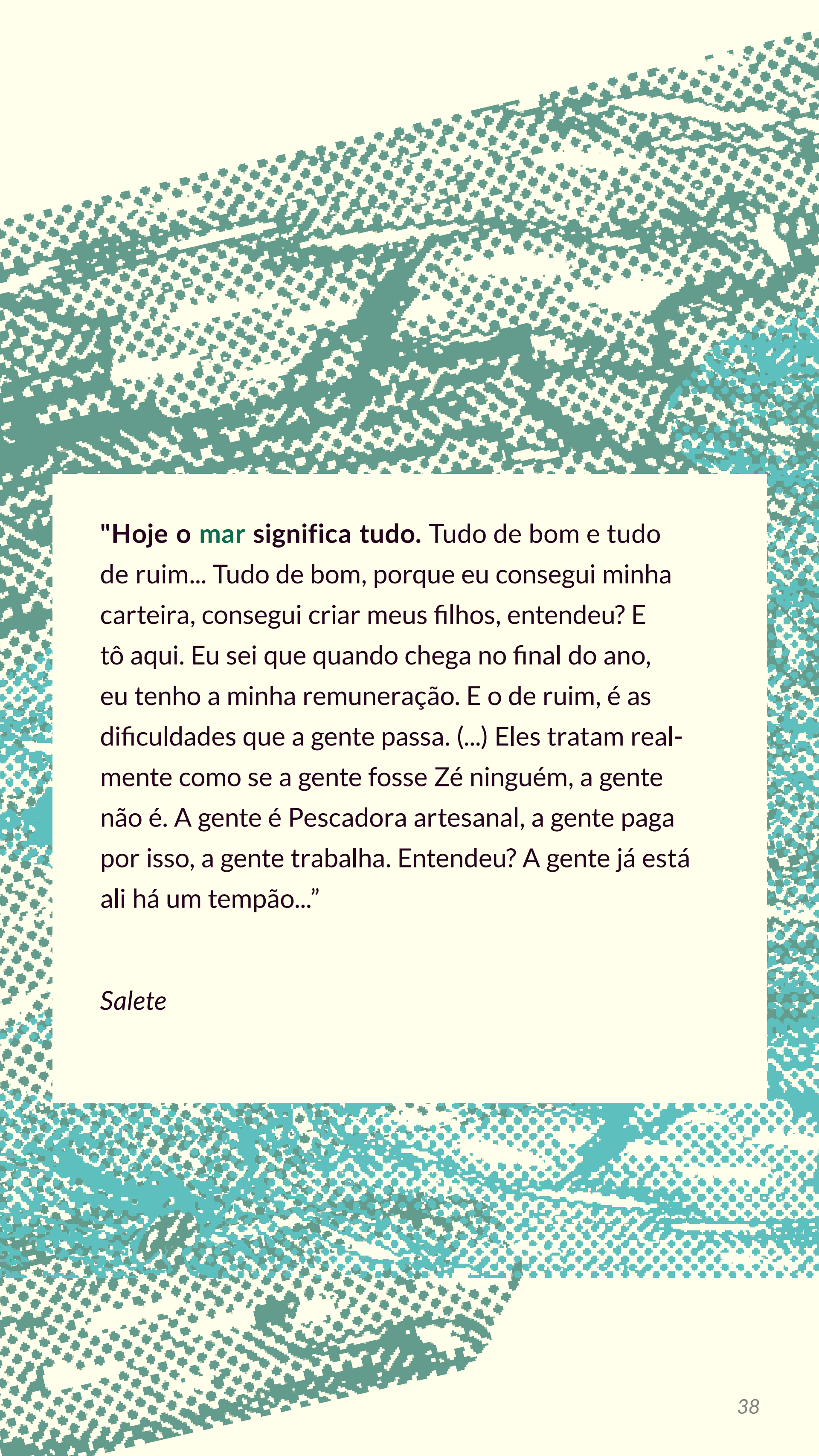
1. Para as marisqueiras, ser marisqueira “é ser uma pessoa forte. Guerreira. Trabalhadora. Uma mulher que Luta. Que não depende dos outros, que, quando a gente quer raspar a pedra, a gente raspa”.
2. Uma mulher que se dedica à coleta de mariscos, geralmente em áreas costeiras ou em estuários. Esta atividade é tradicionalmente manual e pode ser realizada tanto para consumo próprio quanto para venda, desempenhando um papel importante na economia local e na preservação de práticas culturais, mantendo viva uma conexão íntima com o mar, com os ecossistemas locais, as marés, os ciclos de vida dos mariscos, e as melhores técnicas para a coleta, que contribuem para a sustentabilidade ambiental quando realizada de maneira responsável, respeitando os períodos de defeso e as normas de conservação dos recursos marinhos.
3. As mudanças climáticas, a poluição marinha, e a sobrepesca são alguns dos desafios enfrentados, que podem afetar a disponibilidade de mariscos e, conseqüentemente, a viabilidade econômica da atividade.

ÁUDIO

Link externo

Vozes das
marisqueiras

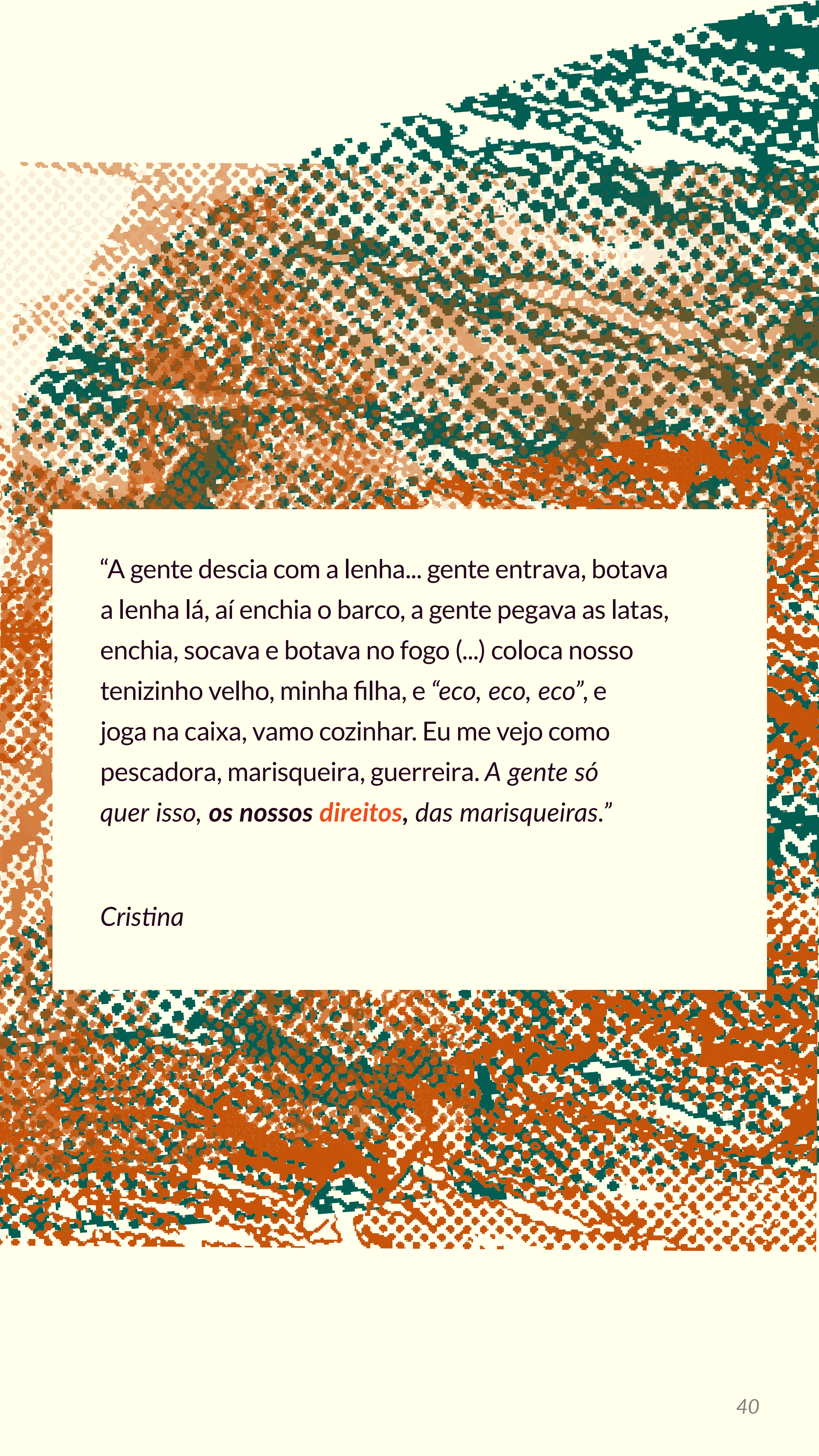




"Hoje o **mar** significa tudo. Tudo de bom e tudo de ruim... Tudo de bom, porque eu consegui minha carteira, consegui criar meus filhos, entendeu? E tô aqui. Eu sei que quando chega no final do ano, eu tenho a minha remuneração. E o de ruim, é as dificuldades que a gente passa. (...) Eles tratam realmente como se a gente fosse Zé ninguém, a gente não é. A gente é Pescadora artesanal, a gente paga por isso, a gente trabalha. Entendeu? A gente já está ali há um tempão..."

Salete





“A gente descia com a lenha... gente entrava, botava a lenha lá, aí enchia o barco, a gente pegava as latas, enchia, socava e botava no fogo (...) coloca nosso tenizinho velho, minha filha, e “eco, eco, eco”, e joga na caixa, vamo cozinhar. Eu me vejo como pescadora, marisqueira, guerreira. A gente só quer isso, os nossos **direitos**, das marisqueiras.”

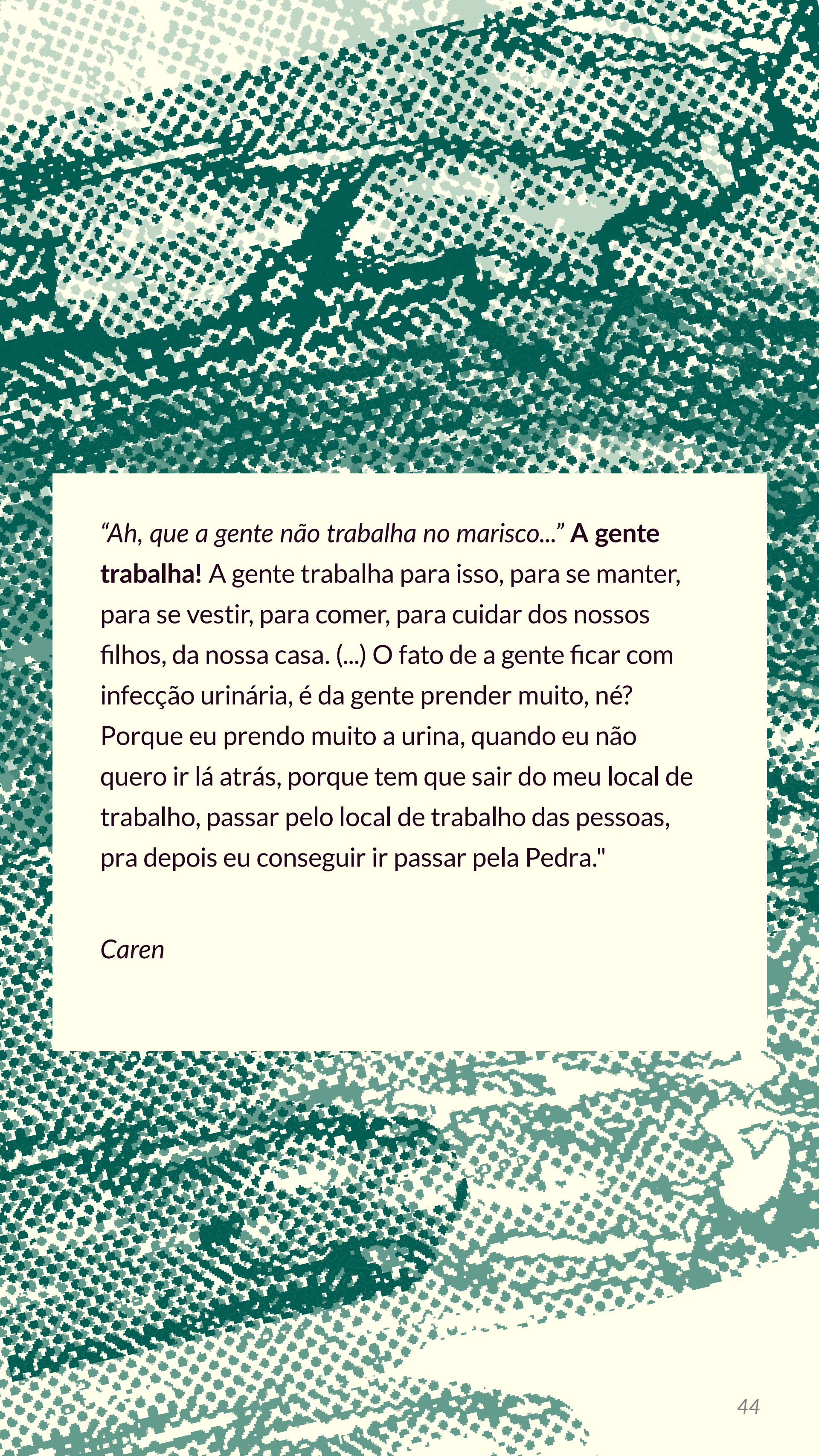
Cristina



“Se o mar tá batendo, então eu procuro uma faxina, porque eu também trabalho com faxina. Eu tenho dois filhos pra criar, sou mãe sozinha, sou mãe solteira, minha filha. **Eu trabalho mesmo, eu caio pra dentro mesmo...**”

Cíntia





“Ah, que a gente não trabalha no marisco...” **A gente trabalha!** A gente trabalha para isso, para se manter, para se vestir, para comer, para cuidar dos nossos filhos, da nossa casa. (...) O fato de a gente ficar com infecção urinária, é da gente prender muito, né? Porque eu prendo muito a urina, quando eu não quero ir lá atrás, porque tem que sair do meu local de trabalho, passar pelo local de trabalho das pessoas, pra depois eu conseguir ir passar pela Pedra."

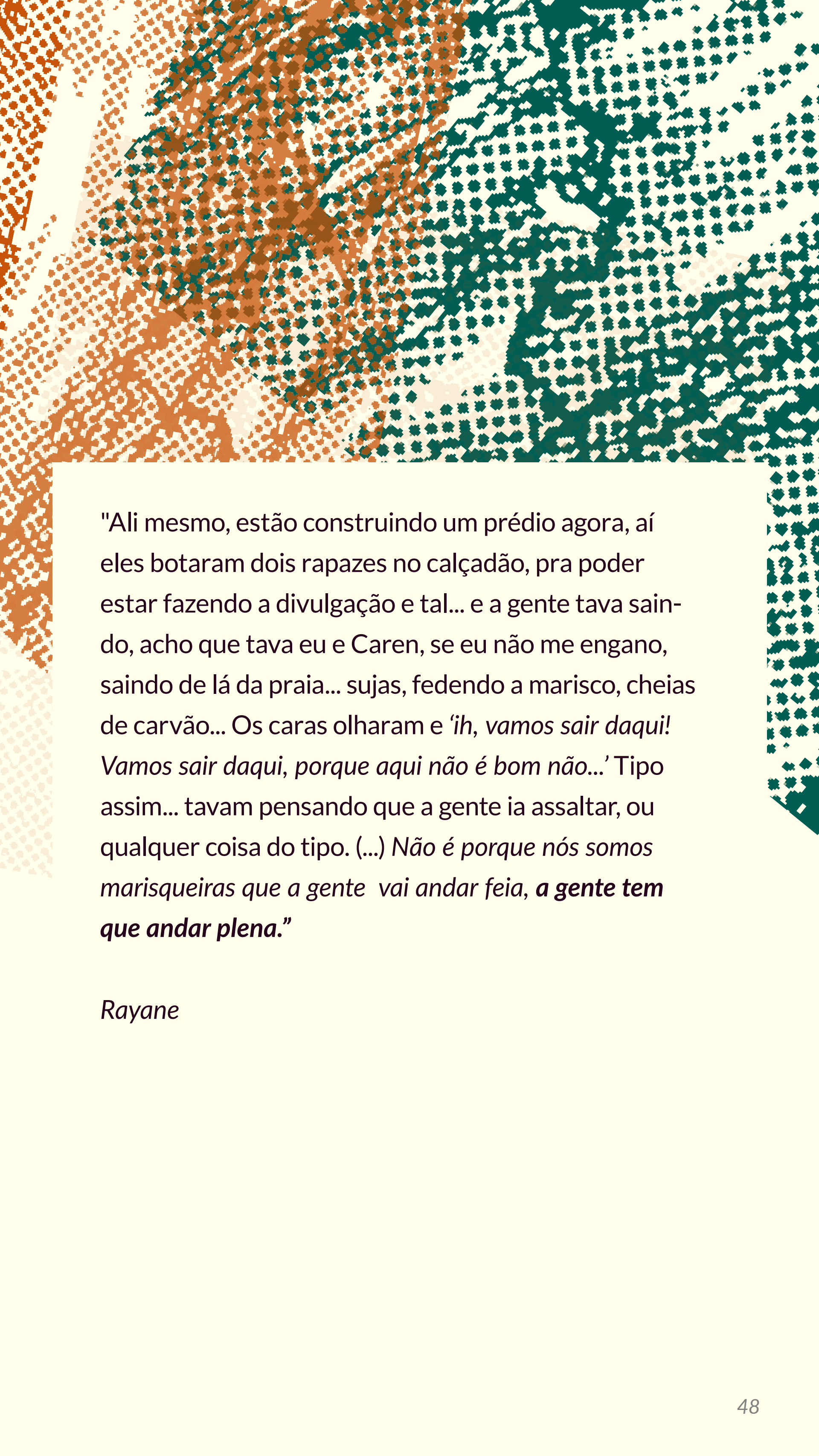
Caren



"Marisco é uma coisa que dá renda, sabe? Dá dinheiro. Muita gente não sabe, mas dá dinheiro. Muita gente olhava pra gente torto, porque o marisco fede, a gente fede a fumaça. A água do marisco que sai quando a gente tira ele da lata quando ele está cozido, fede muito, muito, muito, muito, muito, muito. Então a gente, às vezes, a praia estava lotada. A gente subia, todo mundo ficava olhando. A gente suja de marisco, a roupa toda preta, de carvão, por causa da lata, porque fica muito suja. Tem brigas também, mas tem muitas coisas boas, entendeu? E eu gosto, sempre gostei de trabalhar no marisco, mesmo com as dificuldades do trabalho. Eu acho que poderia melhorar bastante em relação ao trabalho da gente no marisco, porque, como as meninas falaram, a gente descascava pros homens, no caso, a gente ganhava 50 reais, 70 reais, e a gente descascava mais de 15 latas de marisco, que é muita coisa, e eles ficavam com a maioria da renda, e davam, toma 50, 70. Aí a gente começou a trabalhar pra gente."

Carol Caetano





"Ali mesmo, estão construindo um prédio agora, aí eles botaram dois rapazes no calçadão, pra poder estar fazendo a divulgação e tal... e a gente tava saindo, acho que tava eu e Caren, se eu não me engano, saindo de lá da praia... sujas, fedendo a marisco, cheias de carvão... Os caras olharam e *'ih, vamos sair daqui! Vamos sair daqui, porque aqui não é bom não...'* Tipo assim... tavam pensando que a gente ia assaltar, ou qualquer coisa do tipo. (...) *Não é porque nós somos marisqueiras que a gente vai andar feia, a gente tem que andar plena.*"

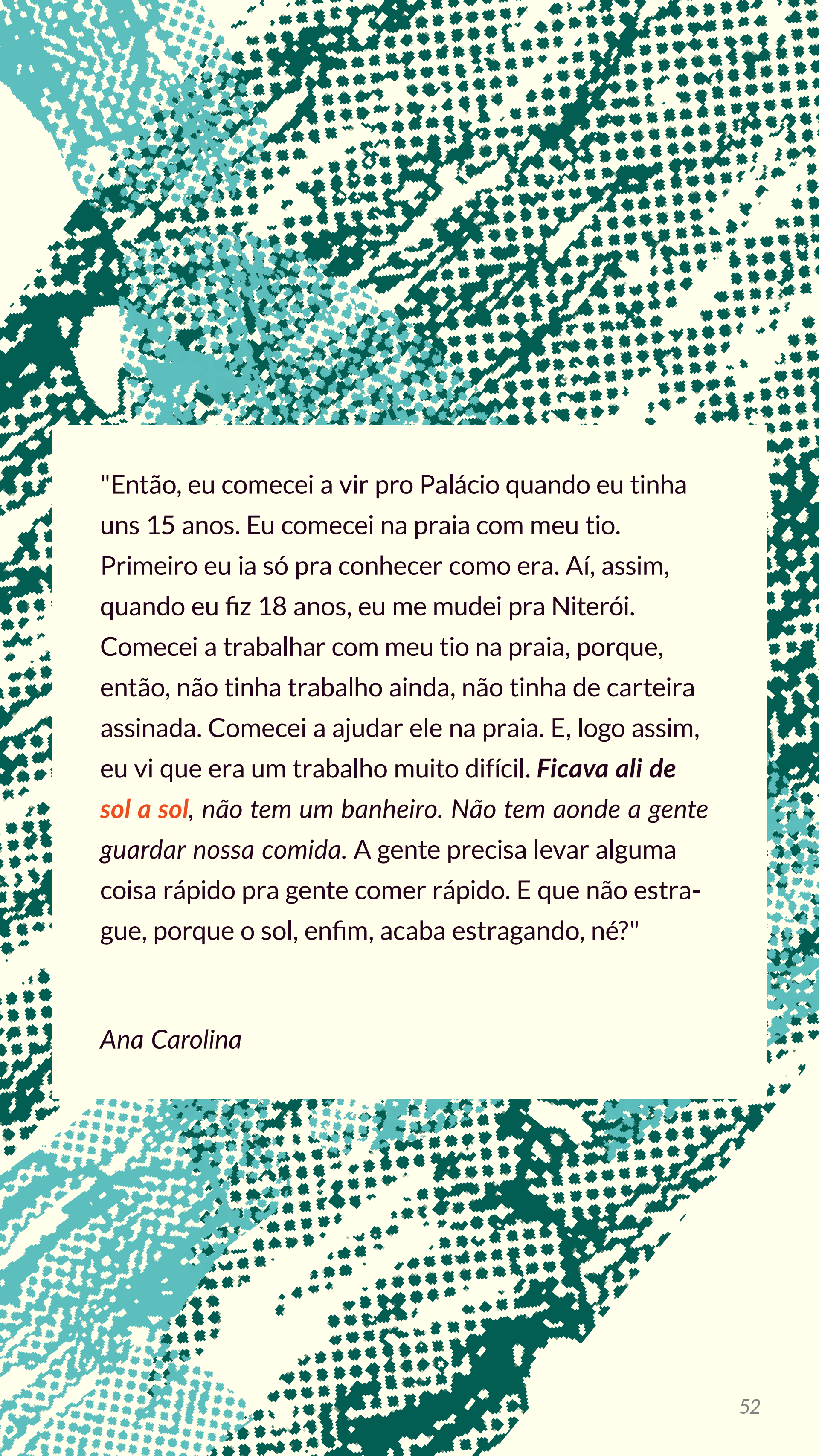
Rayane



"A história que eu tenho é quando a gente trabalhava na Itapuca, aí veio uma criancinha com a mãe, o filho dela, né? Aí falou assim, ali, mamãe, ali, os “mindingos”. Só que era a gente trabalhando, né? Aí a gente fica muito chateada também, né? Escuta aí essas pessoas ficam falando essas coisas, né? *Aí eu falei assim, não, não é “mindingo” não, aqui a gente tá trabalhando, nós somos marisqueiras.* Aí ele começou a olhar pra cara dela assim, envergonhado, falou, não, mamãe, ela falou que não é “mindingo” não, são marisqueiras. Aí a gente fica triste, com essas palavras, né, que as pessoas falam. Ah, é isso. E eu trabalho na praia desde pequeninha, minha mãe levava a gente, igual a Rayane falou, levava a gente, que não tinha ninguém pra ficar em casa. E a gente pegando aquela fumaça toda, aquele calor, insuportável, era osso."

Ana Paula

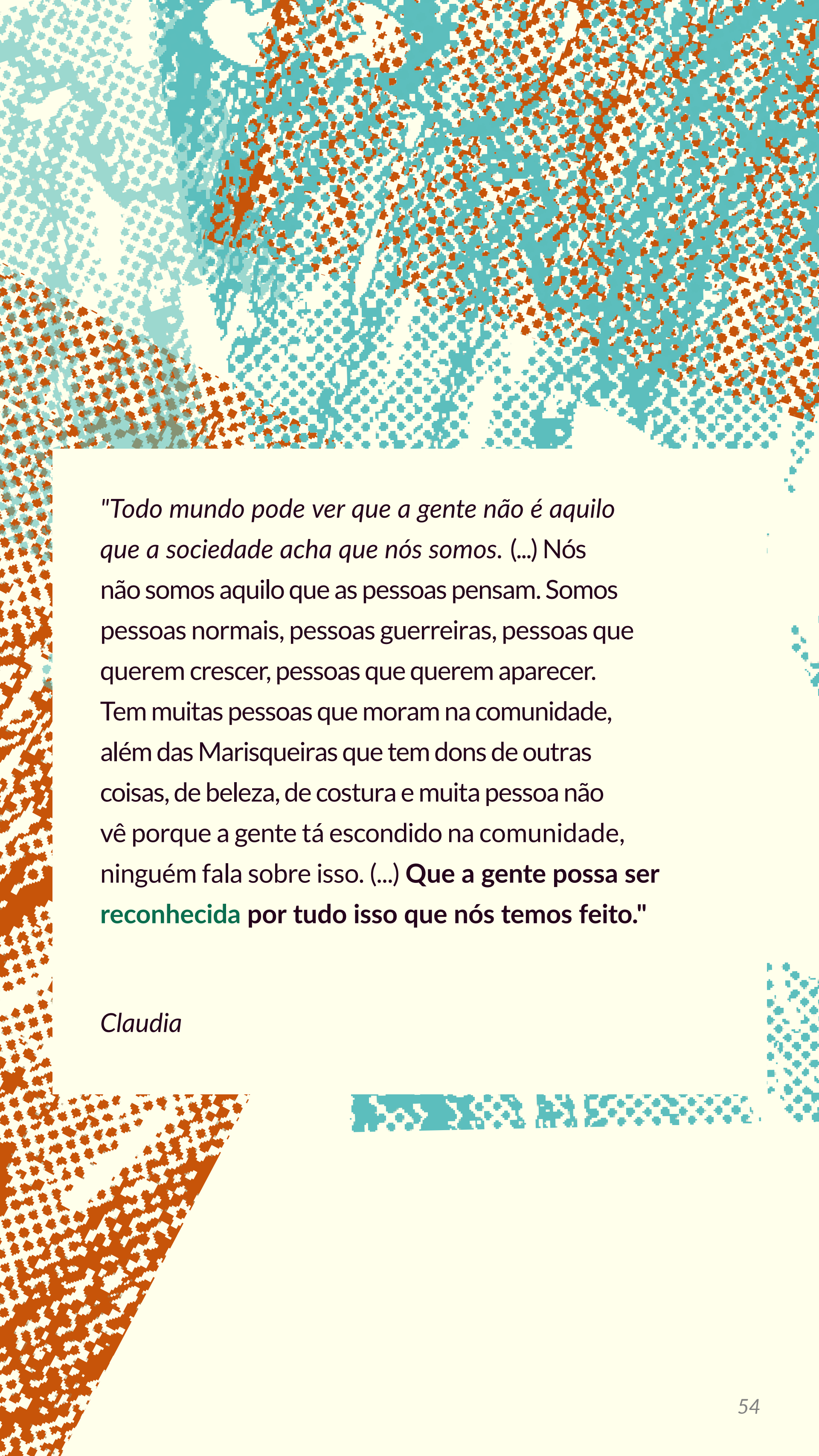




"Então, eu comecei a vir pro Palácio quando eu tinha uns 15 anos. Eu comecei na praia com meu tio. Primeiro eu ia só pra conhecer como era. Aí, assim, quando eu fiz 18 anos, eu me mudei pra Niterói. Comecei a trabalhar com meu tio na praia, porque, então, não tinha trabalho ainda, não tinha de carteira assinada. Comecei a ajudar ele na praia. E, logo assim, eu vi que era um trabalho muito difícil. *Ficava ali de sol a sol, não tem um banheiro. Não tem aonde a gente guardar nossa comida. A gente precisa levar alguma coisa rápido pra gente comer rápido. E que não estrague, porque o sol, enfim, acaba estragando, né?"*

Ana Carolina





"*Todo mundo pode ver que a gente não é aquilo que a sociedade acha que nós somos. (...) Nós não somos aquilo que as pessoas pensam. Somos pessoas normais, pessoas guerreiras, pessoas que querem crescer, pessoas que querem aparecer. Tem muitas pessoas que moram na comunidade, além das Marisqueiras que tem dons de outras coisas, de beleza, de costura e muita pessoa não vê porque a gente tá escondido na comunidade, ninguém fala sobre isso. (...) Que a gente possa ser **reconhecida** por tudo isso que nós temos feito.*"

Claudia



Fotógrafo *Josemias Moreira*



ÁUDIO

Link externo

Entrevista com
Josemias Nascimento



Meu nome é Josemias Moreira Filho, sou fotógrafo e também coordenador do Macquinho. E minha trajetória da fotografia começou quando veio um senhor aqui no Maquinho fazer o TCC dele. Aí ele ofereceu uma oficina de fotografia, onde éramos 10 alunos e no final ficou só eu. Aí esse senhor me deu uma máquina fotográfica. Eu perguntei a ele, o que você quer em troca? Ele falou, eu quero cliques. E eu acho que eu estou dando esses cliques a ele, porque a minha correria está acontecendo. Já expus meu trabalho em Nova Iorque, Portugal, vai para o Reino Unido. No MAC, Janete Costa, Solar Jambeiro, Biblioteca Parque, online, no Caminho Niemeyer, em vários lugares. Além disso, eu dou aula de fotografia com o celular, porque eu dou mais aula em escola e é mais fácil as pessoas terem esse equipamento. Porque não é preciso ter uma câmera fotográfica para você ser fotógrafo. Porque eu trabalho mais o olhar da pessoa.

Então, eu fiz essa exposição chamada “Aqui é o Palácio”, mas para as pessoas prestarem mais atenção nas comunidades. Porque muitos olham as comunidades com aquele olhar preconceituoso, achando que só tem coisas ruins aqui. Mas a maioria da mão de obra do mundo eu acho que é de pessoas de baixa renda. Assim, trabalho mais braçal. As pessoas que tomam conta dos filhos de quem tem dinheiro, somos nós da favela. As pessoas que fazem a comida deles, somos nós da favela. Então por que eles têm medo de vir na favela conhecer nossos filhos? Porque, a maioria das vezes, somos nós que educamos o filho deles. Estou falando assim educação pessoal, não estou falando de estudo. E eles comem a nossa comida, que fazemos na casa deles. E a maioria tem nojo de comer a comida na comunidade. Mas tudo é a mesma mão que prepara. Então a ideia era essa. As pessoas prestarem atenção e veem que favela é um local igual a qualquer outro lugar.

Eu sou filho de marisqueiros. Meu pai era marisqueiro. Minha mãe era marisqueira, trabalhava de ajudante com meu pai. Só que era numa época que as mulheres que trabalhavam com seus maridos não recebiam pelo trabalho que estavam fazendo. E hoje vendo essas meninas, a nova geração de marisqueiras, eu vejo que é um pouco diferente. As mulheres hoje metem a mão e vão arrancar também. Porque elas descobriram que também podem. Eu acho maneiro.



Então, eu fotografei as meninas. *Eu acho que contribui com um pouco do tirar do preconceito de que marisqueiros são pessoas em situação de rua. Porque muitas pessoas acham que o marisqueiro é pessoas que não têm casa, são moradores de rua, só que são pessoas que têm casas, boas casas, são pessoas que são bonitas, só que na hora do marisco, ali elas estão com a vestimento de trabalho delas.* Eu não vou chegar, vou botar um tênis da Nike, vou botar minha unha de Acrygel, com uma camisa da Louis Vuitton, um boné da Nike, um short da... Pra ir pra praia, descascar marisco. Porque meu tênis vai se estragar, minha roupa vai se estragar, minha unha vai se estragar. Então, o que eu faço, que o trabalhador faz, vai com a roupa e o vestimento do seu trabalho. Cada pessoa, cada profissão tem sua vestimenta. E essa vestimenta é um pouco suja de cinzas. Faz parte da vestimenta do marisqueiro. Só isso. Eles não são pessoas em situação de rua. Não são pessoas sujas. Só estão com as vestimentas delas.

Mas quando foi tirada a foto delas, foi tirada a foto delas com a vestimenta de sair. Eu acho que, quando as pessoas verem, aquelas pessoas que têm esse olhar preconceituoso, eu acho que vai mudar. Epa, e aquela menina lá aqui da praia? E eu achava que ela era uma pessoa de situação de rua. Eu achava que ela não tinha dinheiro. Eu acho que traz um pouco de integridade pra elas.

Tipo assim, eu sou bonitona, sou gostosona, eu sou interessante. Tá entendendo? Não tô falando que o vestimento, a maquiagem faz isso, não. Porque as pessoas podem ter uma casca bonita e um coração horrível. Mas dá uma ajuda. Eu acho que... pra elas vai ser muito, muito, muito legal. Porque elas vão ver o valor que elas realmente têm.

Dessa experiência eu destaco que elas estavam felizes. Eu não estou fazendo isso para agradar as marisqueiras. É merecimento. Que essas mulheres ralam para caramba. E eu achei elas muito alegres. Sentada, passando maquiagem. Lanchando. Brincando na hora das fotos. Se divertindo. Eu senti felicidade. Foi um processo legal.

A menina que veio de fora, Uyra. Ela com a fala dela doce. A fala mansa. E trazendo... Umas emoções também. Que eu não sei se elas estão acostumadas a botar pra fora. Elas botando pra fora. Falando coisas mais pessoais. Inventando palavras. Também foi muito interessante. Porque uma pessoa que elas nunca tinham visto. Nem sabia que existia. E tendo uma liberdade de conversa. Uma liberdade de falas até pessoais. Eu achei muito interessante. Então é um trabalho que levanta autoestima das pessoas.



Artista convidada *Uýra Sodoma*



ÁUDIO

Link externo

Entrevista com
Uýra Sodoma



“Comunicar para a câmera é comunicar para o futuro; é comunicar para o outro lado do mundo. (...)”

É muito bom ver imagens das nossas antigas lutando. Mas a gente não é só luta. Precisamos de imagens também de descanso, de prazer, alegria. Hoje a gente já conseguiu construir imagens de prazer e alegria, são imagens para a história. E como construímos isso? A fotoperformance é um caminho possível.”



Sou Uýra, professora, arte educadora e artista visual. Vim do Amazonas colaborar a partir do nosso país, colaborar com o projeto. E realizar aqui uma oficina, uma vivência onde se criam imagens coletivamente de corpo e paisagem. Eu tô há pouco tempo aqui no Morro do Palácio. Muito pouco tempo, cheguei hoje. Junto com moradoras, parceiras da comunidade. E em poucas horas percebendo como esse território se parece com o que habito. Se parece em múltiplos sentidos. Desde os desafios e lutas de cada território a também as belezas e potências de cada um.

O que gosto é de criar e estimular a criação por pessoas com as quais me identifico em múltiplos aspectos. É justamente de imagens outras que nos contem de outras maneiras aos mundos. Maneiras positivas, maneiras potentes, maneiras conscientes de pés no chão e de olho mirado em outros caminhos, caminhos melhores a nós.

O que sinto nesse encontro com essas mulheres, que são também marisqueiras, que são também mães, irmãs, filhas, avós, é que aqui já se desenvolve, há muito tempo, nesse território, um trabalho. Primeiro o território físico mesmo, essa terra, o Morro do Palácio e toda essa região. Que a comunidade conquistou para si, para habitar. Que a comunidade lutou por décadas, há décadas atrás para aqui estar hoje. Frente ao descaso, ao desinteresse histórico do Estado brasileiro em oferecer condições mínimas, dignas de vida para as populações mais pobres e racializadas no Brasil. E que hoje enfrentam essa disputa constante da especulação imobiliária. Onde o seu próprio território de vida, de vivência, vive em constantes ameaças aos empreendimentos imobiliários. Que é também uma luta de meu território, de outros territórios do Brasil.

Então aqui há uma demarcação de território físico, há uma demarcação de um território do corpo de cada mulher dessa. *Entendendo o corpo como um território, se vê, se percebe diretamente que são mulheres, que por serem mulheres desse contexto, contexto desse território, de um contexto racializado, disputam com os mundos ainda o direito de serem reconhecidas como belas, como sabedoras dos próprios saberes. E de uma autoestima, como mulher, dentro do mundo ainda misógino, ainda machista, que tem ouvido pouco ainda as mulheres.* Junto a isso há uma disputa territorial pelo próprio ofício enquanto marisqueiras. Segundo elas, ainda vivem essa marginalização, né. Vivem essa marginalização pela prática, que é uma prática tradicional, familiar dessa herança, dessa hereditariedade coletiva, que está envolvida nessa prática, que é uma prática tradicional. E que é vista por esse mundo mercadológico, mercantil, mercantilista, como uma prática marginal. Então elas demarcam com a sua própria existência e as suas presenças e a sua teimosia diária o habitar. Esse habitar enquanto moradores do Morro do Palácio, esse habitar enquanto mulheres, e esse habitar enquanto marisqueiras.

Elas disputam esses territórios, elas demarcam esses territórios. *E, construir imagens que transmitam essas demarcações de múltiplos territórios, significa abrir brechas para que elas permaneçam. Para que esse território, esses territórios permaneçam vivos, belos. E aqui, como é, como elas precisam que sejam.* Então a gente está aqui construindo juntas imagens que elas já sabem, que elas já sonham, que elas já desejam. Para que contem por si próprias quem são, né. Para que contem com essa rede, que é uma rede de amigas e amigos. Com essa rede, que é uma rede comunitária e coletiva, as suas próprias histórias.

A arte, ela é capaz, por sua própria perspectiva, que é de multidimensões. De muitos mundos costurados numa imagem, por exemplo. De comunicar todos esses territórios. De comunicar todas essas demarcações que já acontecem, que já existem aqui no Morro do Palácio. A arte, ela comunica a demarcação territorial. A arte comunica a demarcação feminina. A arte comunica a demarcação do ofício de marisqueira. A arte comunica e demarca os sonhos que elas têm. As formas como elas se veem.



CARTOGRAFIA VISUAL

ÁUDIO

Link externo

Vozes das
marisqueiras

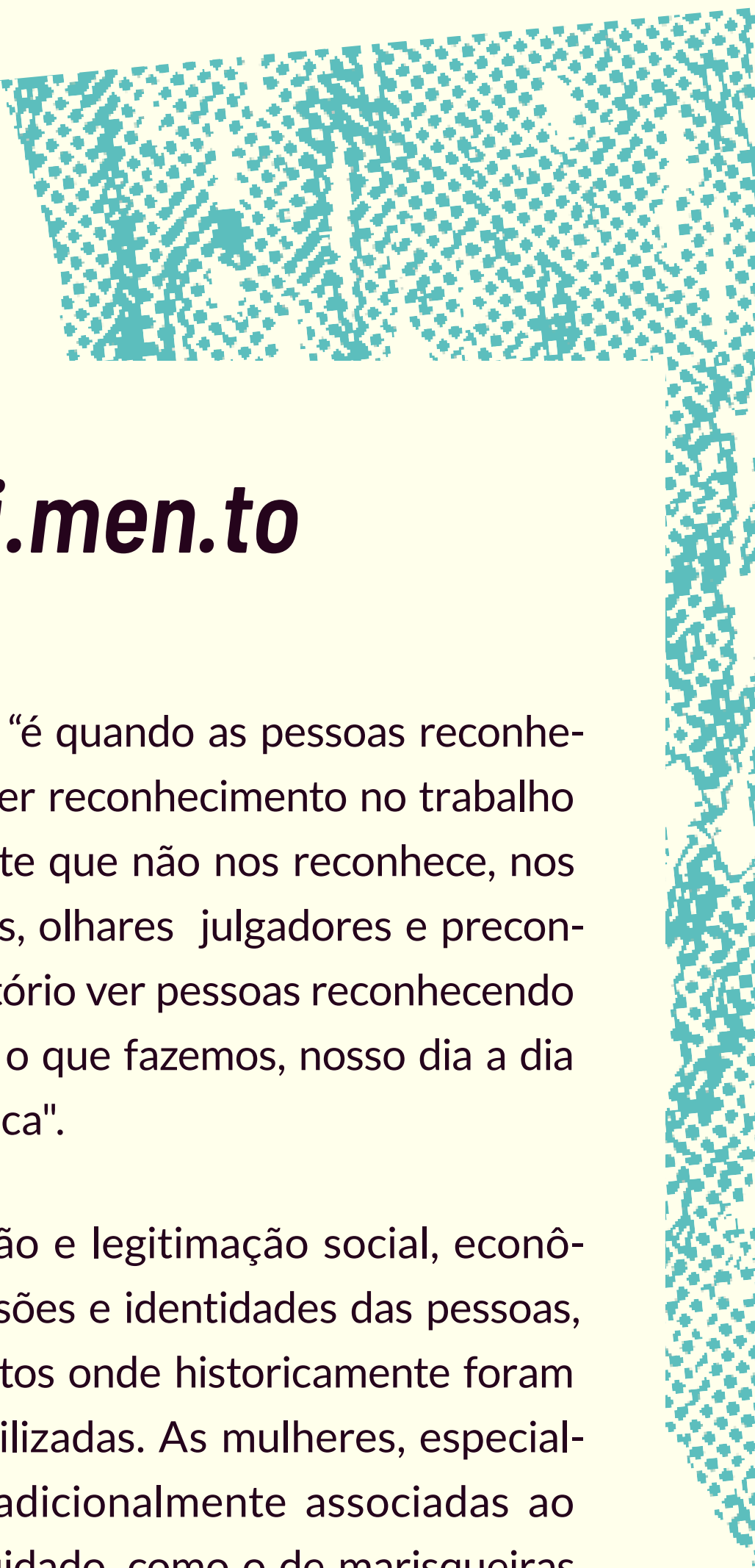




Tra.ba.lho

sm.

Trabalho Produtivo e Reprodutivo são dois conceitos centrais para a compreensão das dinâmicas de gênero, economia e divisão social do trabalho. Enquanto o trabalho produtivo refere-se às atividades diretamente envolvidas na produção de bens e serviços que geram valor econômico, o trabalho reprodutivo diz respeito às tarefas ligadas à reprodução da vida cotidiana e ao cuidado com a família e a comunidade, historicamente desvalorizado e não remunerado, apesar de contribuir para a economia familiar e comunitária. Para as marisqueiras, o trabalho reprodutivo está intrinsecamente ligado ao produtivo, já que elas muitas vezes conciliam o cuidado com o lar e a família com as longas jornadas de coleta de mariscos, ampliando sua carga de trabalho total.



Re.co.nhe.ci.men.to

sm.

1. Para as Marisqueiras, “é quando as pessoas reconhecem o nosso trabalho. É ter reconhecimento no trabalho que a gente faz. Tem gente que não nos reconhece, nos confundem com mendigas, olhares julgadores e preconceituosos. É muito satisfatório ver pessoas reconhecendo nosso trabalho, conhecer o que fazemos, nosso dia a dia e não só julgar nossa prática”.
2. Se refere à valorização e legitimação social, econômica e cultural das profissões e identidades das pessoas, especialmente em contextos onde historicamente foram marginalizadas ou invisibilizadas. As mulheres, especialmente em profissões tradicionalmente associadas ao trabalho manual ou ao cuidado, como o de marisqueiras descascadeiras, enfrentam uma longa história de invisibilidade e desvalorização.
3. No contexto de uma região gentrificada como a Boa Viagem, onde a modernidade e a tradição frequentemente se chocam, a luta por reconhecimento é também uma luta contra a invisibilização cultural, que tende a privilegiar narrativas dominantes em detrimento das vivências e práticas locais, é histórica e multifacetada, envolvendo questões de gênero, classe e raça.



Di.rei.tos

sm pl.

1. Para as marisqueiras, “é garantir nossos direitos, não é por que somos mulheres, negras, trabalhando na praia, que não temos direitos. Direitos enquanto trabalhadoras da Pesca. O direito de ir e vir sem o olhar que julga, também é um direito”.

2. Direitos referem-se às garantias e proteções legais, sociais e econômicas que asseguram a dignidade, a igualdade e a justiça para todos os indivíduos, essenciais para o reconhecimento de suas profissões, a valorização de suas contribuições à sociedade e a proteção contra as vulnerabilidades que enfrentam. A luta por esses direitos é, em última instância, uma luta pela dignidade e pelo respeito às mulheres que sustentam e preservam a vida costeira.

Des.cas.car

vtd e vint.

1. Para as marisqueiras, “descascar marisco é trabalho. É uma terapia que corta as mãos, que é cansativa, faz perder as digitais do dedo, deixa embaixo das unhas tudo dolorido”.
2. Ato de descascar o Marisco. É um trabalho fundamental no processo de produção do mexilhão. Refere-se à etapa de beneficiamento da cadeia produtiva do marisco, que agrega valor ao alimento e contribui para geração de renda familiar e da comunidade como um todo.

"Quando a gente sai dali, a gente é conhecido como mendigo, sujo.

É uma sensação muito ruim quando a gente termina o nosso trabalho e vai pra nossa casa, porque com essa passagem da gente vindo da praia até em casa, a gente é mal visto, né?

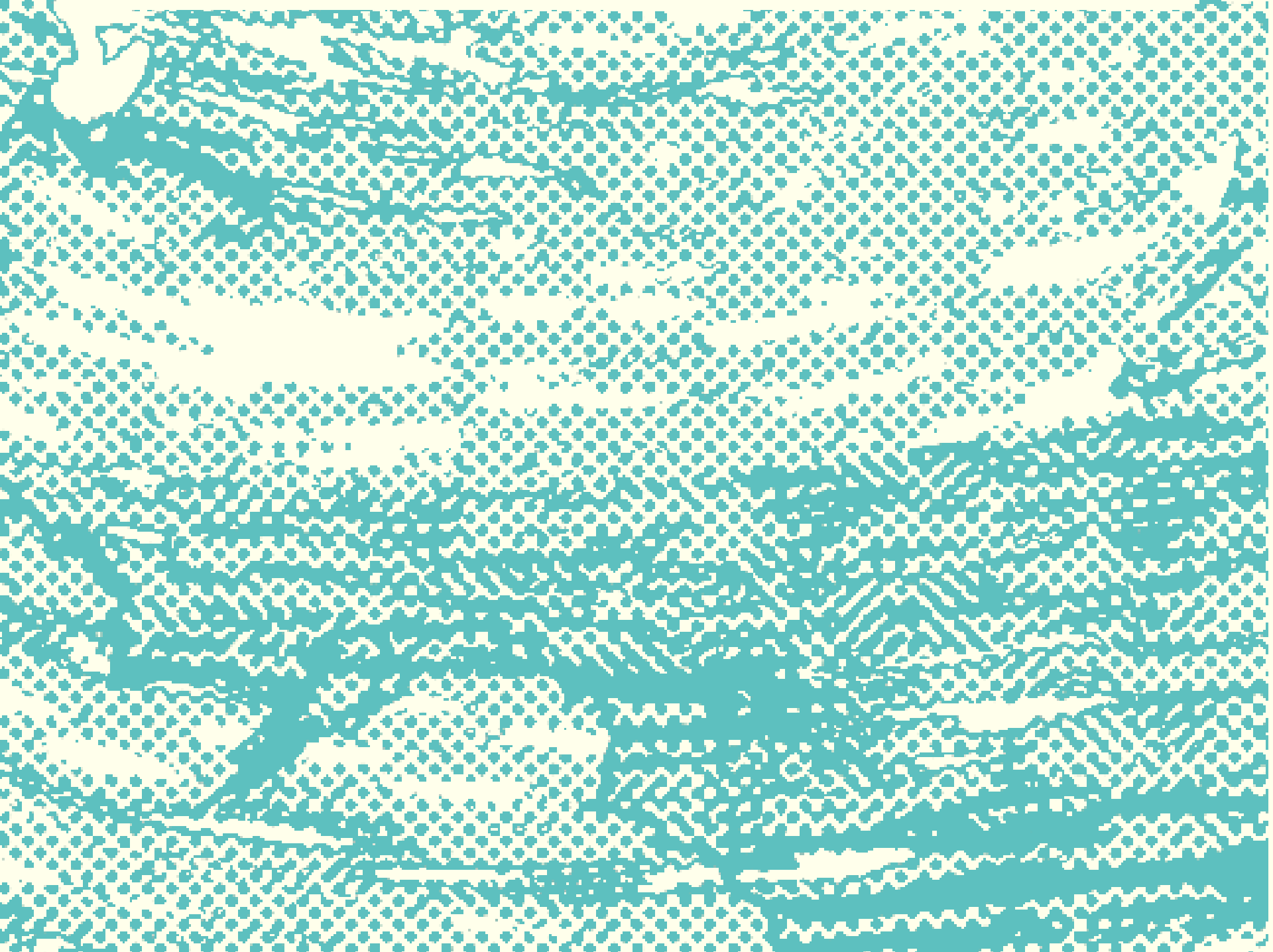
Por conta da nossa roupa, do nosso cheiro, que a gente veio com um cheiro não muito bom por conta do marisco."

Ana Carolina

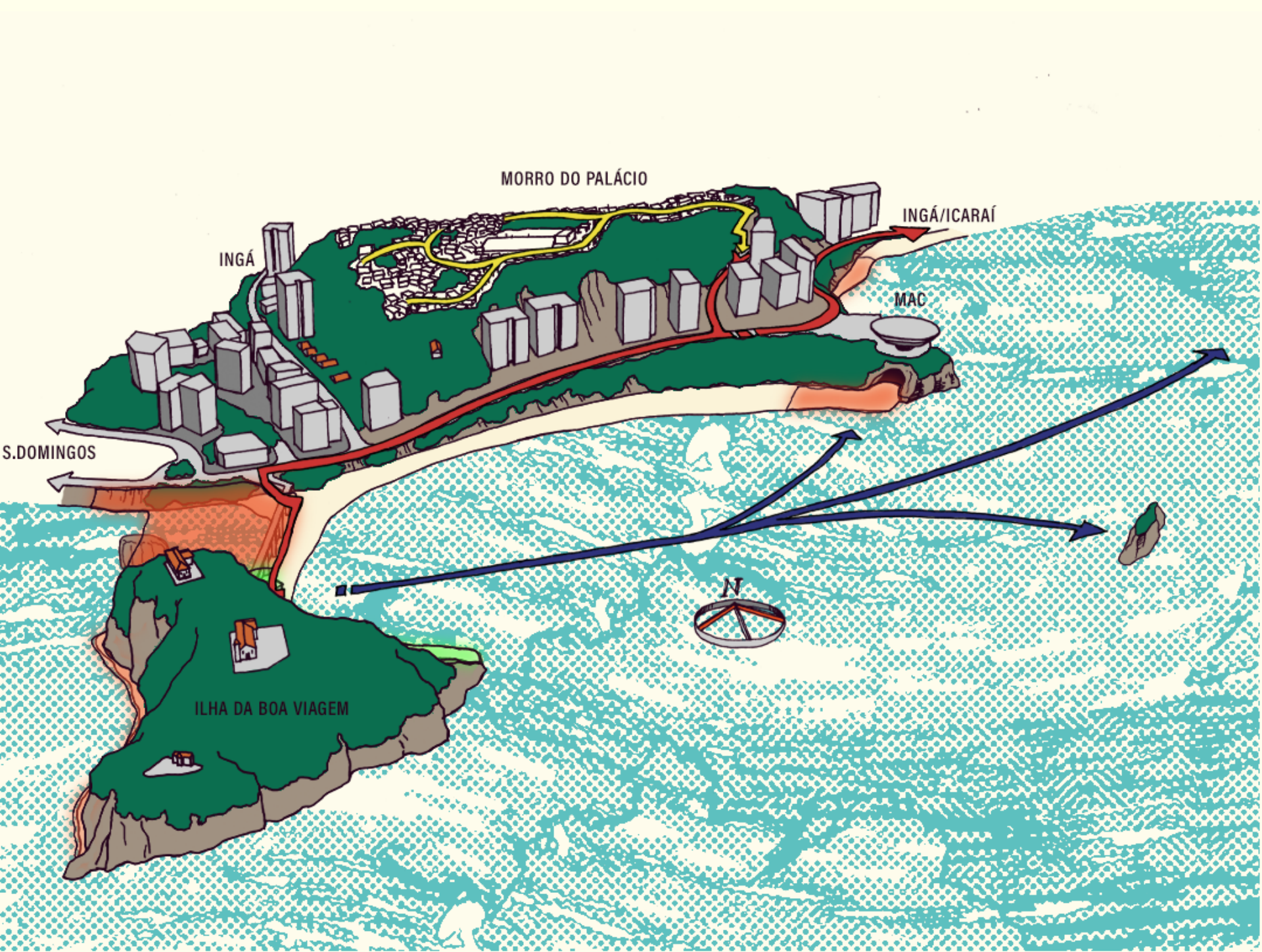
Car.to.gra.fia

sf.

A Cartografia Social das Marisqueiras foi um processo participativo de mapeamento que visa registrar e representar os espaços de vida, trabalho e cultura das marisqueiras, destacando as dimensões sociais, ambientais e econômicas de sua atuação nas regiões costeiras. Buscou desvelar o olhar das pescadoras e suas relações com o território, com o maretório e com a comunidade ao seu redor.



Cartografia Social



- ÁREA DE TRABALHO INATIVA
- ÁREA DE TRABALHO ATIVA
- PERCURSO NO MORRO
- PERCURSO NO ASFALTO
- PERCURSO NO MAR

Ma.re.tó.rio

sm.

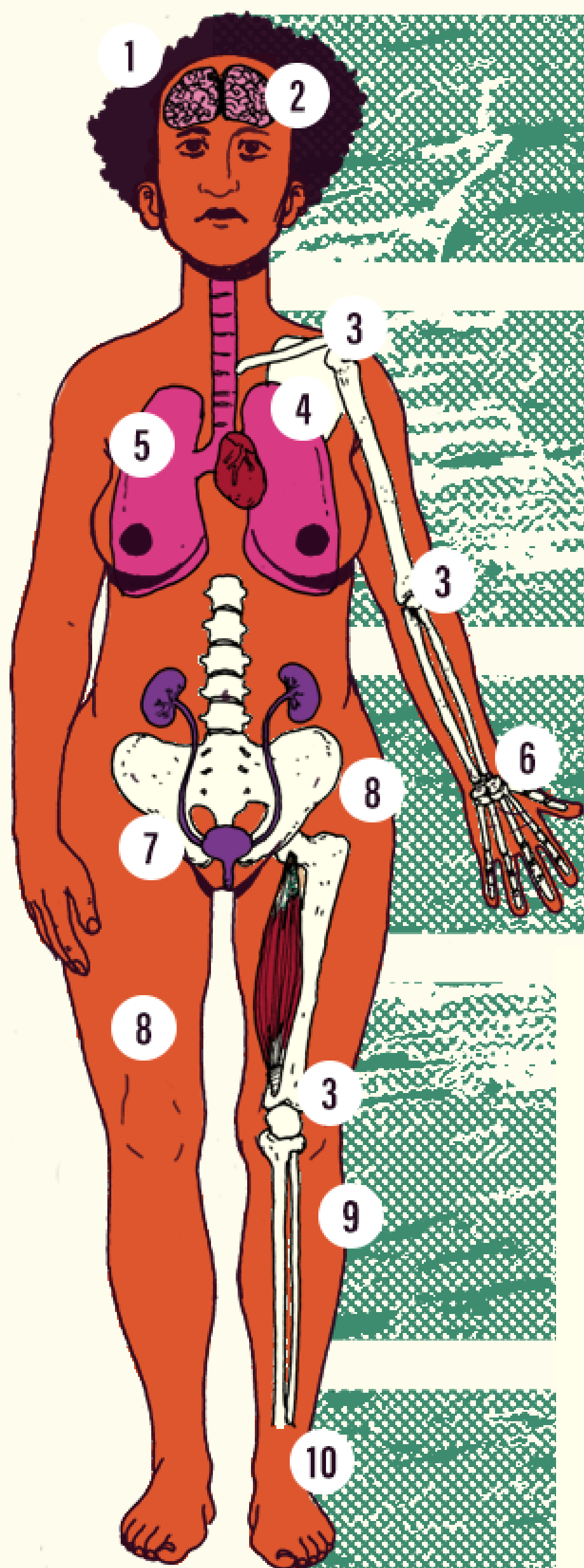
É um termo que surge da junção das palavras "mar" e "território", utilizado para descrever as áreas costeiras que estão sob influência direta das marés e dos ciclos marinhos. O conceito abrange tanto aspectos físicos quanto culturais e ecológicos das regiões litorâneas, não é apenas um espaço físico, mas também um território de vida, cultura e memória para as populações costeiras. A interação humana com o maretório ao longo dos séculos criou um rico patrimônio cultural e ecológico, que é fundamental para a identidade de muitas comunidades. A preservação desse patrimônio requer uma abordagem integrada que considere tanto os aspectos ambientais quanto os socioculturais.

Pa.lá.ci.o

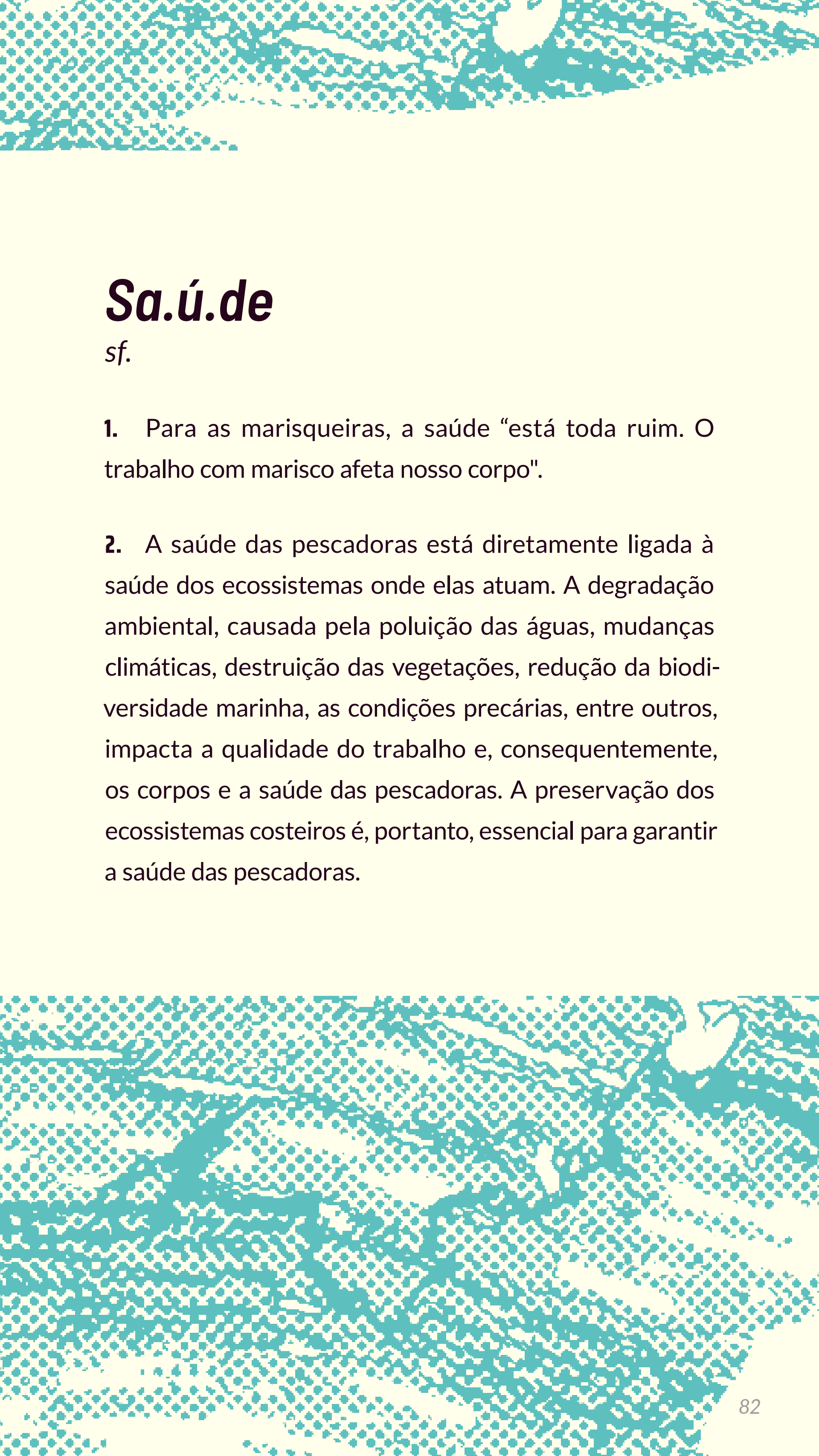
sm.

1. Para as Marisqueiras, é “um lugar onde só tem rainhas. Nosso lar. O palácio até que não é ruim não, onde nos sentimos em casa e levamos a vida”.
2. Comunidade localizada no Morro do Palácio, no bairro da Boa Viagem, em Niterói, Rio de Janeiro. Esta comunidade possui uma rica história e cultura, sendo conhecida por abrigar as marisqueiras que desempenham um papel fundamental na economia local, na manutenção das tradições costeiras e na sustentabilidade do maretório. Mais do que uma comunidade; é um espaço de resistência na luta pela preservação de um modo de vida que valoriza a relação íntima entre o ser humano e o ambiente marinho. A proximidade com o MAC e o processo de valorização imobiliária na Boa Viagem colocam a comunidade do Palácio sob constante ameaça de remoção e deslocamento. A gentrificação na área pressiona os moradores, que lutam para preservar seu território e sua identidade em um ambiente cada vez mais voltado para o turismo e o mercado imobiliário de alto padrão.

Corpo/Território



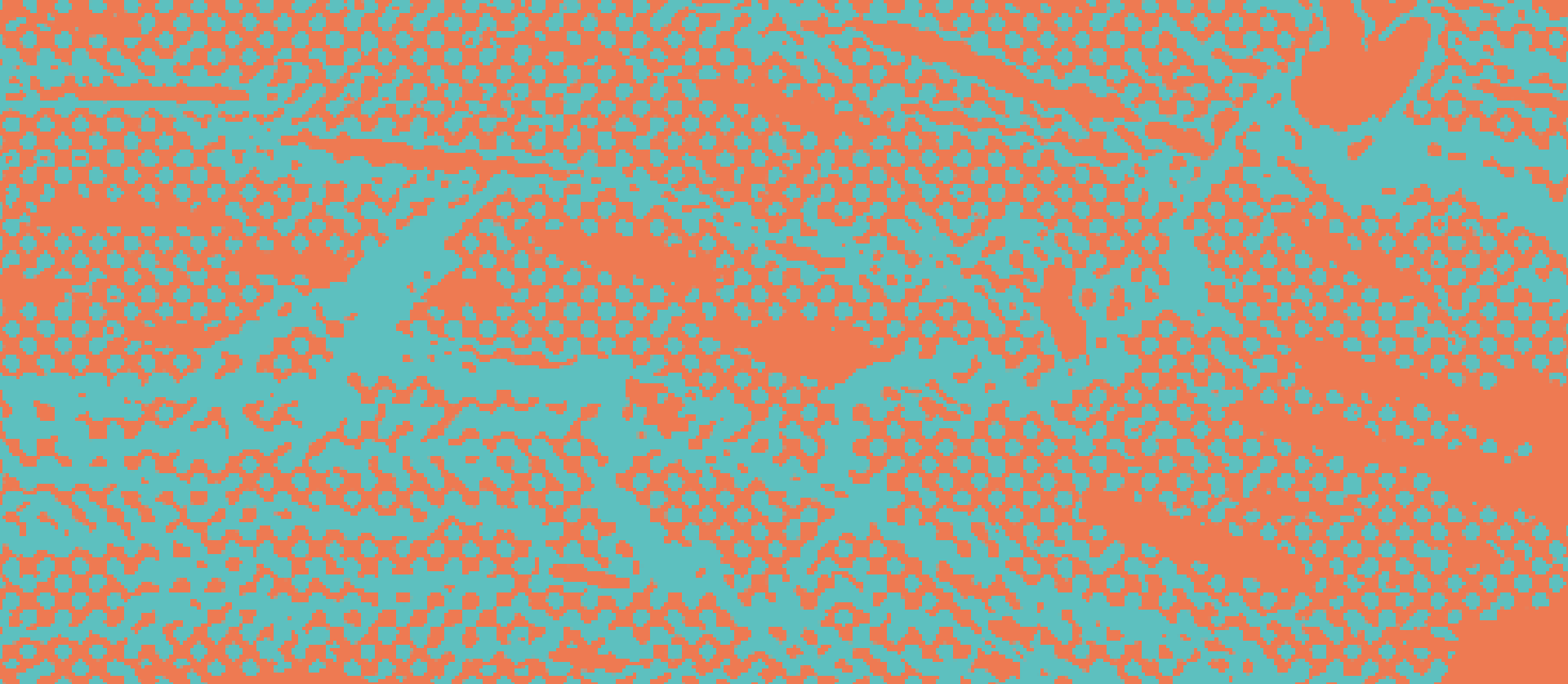
- 1 Alopécia
- 2 Dor de cabeça
- 3 Dor nas articulações
- 4 Arritmia cardíaca
- 5 Falta de ar
- 6 L.E.R
- 7 Infecção urinária
- 8 Doença de pele
- 9 Varizes
- 10 Inchaço



Saúde

sf.

1. Para as marisqueiras, a saúde “está toda ruim. O trabalho com marisco afeta nosso corpo”.
2. A saúde das pescadoras está diretamente ligada à saúde dos ecossistemas onde elas atuam. A degradação ambiental, causada pela poluição das águas, mudanças climáticas, destruição das vegetações, redução da biodiversidade marinha, as condições precárias, entre outros, impacta a qualidade do trabalho e, conseqüentemente, os corpos e a saúde das pescadoras. A preservação dos ecossistemas costeiros é, portanto, essencial para garantir a saúde das pescadoras.



"Porque você trabalha na praia. A gente já de TPM, menstruada, só Jesus, né? Dentro de casa, trabalhando em outro lugar... Você imagine na praia, que não tem um banheiro, não tem um lugar para você se lavar direito, não tem um lugar para você se ajeitar. Então, essa fase a gente tem que ter o que? A gente tinha que ter uma água potável, né? A gente tinha que ter um banheiro decente pra gente poder entrar, pra gente poder se trocar."

Salete

"Eu tive pneumonia 2 vezes já na praia, né? Por causa de... é chuva, vento e fogo."

Salete

“Fumaça, então, o que prejudica mais a saúde é a fumaça do marisco, da praia, da lenha.”

Caren

"A gente sai do nosso local, passa pelas pedras, machuca o pé, se machuca, tem que saber a pedra que pisa, porque tem muita que tem limo. No caso, quando a maré está alta, tampa as pedras todinhas da parte da Boa Viagem. A gente escorrega, se machuca e vai lá pra trás da pedra pra fazer de banheiro. Aí volta pelo mesmo caminho difícil."

Carol Caetano

"A gente perdeu há pouco tempo, agora, a colaboradora Damiana também, porque... eu acho que foi por conta do cansaço da praia, porque usa muito do nosso corpo, usa muita força bruta, porque é descer com lenha, acorda de madrugada, caça lenha, ou então no mesmo dia que acabou de descascar o marisco, sobe, vê uma lenha numa lata de lixo, pega, guarda, enrola, então é muito, muito, muito pesado."

Carol Caetano

PESQUISA COMUNITÁRIA



Relato de Experiência

O Catálogo *Fotografia Expandida As Marisqueiras*, não é, evidentemente, uma invenção dos artistas e autores que aqui escrevem. Pelo contrário, é um grande ajuntamento de experiências práticas e teóricas, que ao longo dos últimos três anos, engajaram-se educadoras(es), fotógrafas(os), artistas, organizações da sociedade civil e grupos comunitários, mas, foi, antes de tudo, o coro das marisqueiras que entoou este trabalho coletivo, com seus sonhos e reflexões e a ciência que produzem cotidianamente em suas práticas de trabalho e saberes culturais. O presente catálogo, portanto,

como uma colcha de retalhos, retratos e relatos que vem aquecer algumas de nossas inquietações, representa uma pequena expressão do patrimônio imaterial desta comunidade de marisqueiras e marisqueiros de Boa Viagem que, a partir da perspectiva das trabalhadoras da pesca, desvela a luta por dignidade em suas múltiplas camadas.

Fluido e inconstante como as marés, o percurso pedagógico que resultou no *Ensaio fotográfico*, se deu não por um caminho retilíneo, mas avançou de forma espiralar, com seus recuos, retornos, erros e acertos, de um processo vivido de comunidade de aprendizagem. O conjunto combinado de palavras, imagens e sorrisos que o compõem parte de um processo anterior de construção de um grupo de mulheres e de uma pesquisa comunitária, que se apresenta aqui como uma Cartografia Visual, do trabalho e cultura da comunidade de marisqueiras(os) de Boa Viagem, buscando trazer a cosmovisão das pescadoras sobre seu corpo-terra-mar. Nesta sessão contaremos um pouco deste histórico.

Embora não seja possível mensurar ao certo o início desta trajetória, posto que se precede nas memórias e existências simbólicas das mulheres deste território pesqueiro, foi em 2021 que o encontro entre as marisqueiras e um grupo de educadoras engajadas se deu, na combinação de suas conspirações pela transformação social. Em paralelo

à luta pelo direito à permanência no maretório e território de trabalho, as vozes femininas ecoaram em tom de denúncia à invisibilidade do papel das mulheres e sua realidade na pesca artesanal.

O grupo de marisqueiras, na figura da liderança comunitária, Salete Feliciano, questionando as condições das mulheres na pesca, buscaram o apoio da educadora popular, Marina Freire - que já atuava com a comunidade em questão, em outro projeto -, com a ideia de desenvolver um trabalho voltado para as mulheres, para a valorização e reconhecimento da participação feminina na cadeia de mariscos. A partir de um diagnóstico das demandas, elaboraram conjuntamente um projeto, visando captar recursos para, dentre outras propostas, realizar ações de salvaguarda do patrimônio imaterial da comunidade.

Dessa forma, e em parceria com o Banco Comunitário do Preventório, o grupo conquistou um financiamento para o projeto, denominado *Mar das Marisqueiras*, que se iniciou em 2022, com aprovação na chamada de projetos nº 09/2022 do projeto TAC Almoxarifado Submarino, lançado pelo Fundo Brasileiro de Biodiversidade (FUNBIO). Este subprojeto foi ampliado, incluindo um grupo de mulheres da comunidade de maricultores(as) de Jurujuba, também em Niterói, mas neste trabalho nos atemos à experiência de Boa Viagem.

O projeto, pautado na educação ambiental crítica de base comunitária, a partir dos métodos da educação popular, de abordagem inclusiva e emancipatória, buscou a formação de uma comunidade de aprendizagem, como forma de criar as possibilidades para co-criação e construção de conhecimento (FREIRE, 1993) reconhecendo e valorizando o saber local das marisqueiras.

É justamente nesse contexto de encontros de aprendizagens que surge a ideia de realizar uma pesquisa comunitária tendo como protagonistas do seu próprio desenvolvimento e história, as narrativas das marisqueiras, por vezes, pouco ouvidas. Neste sentido, a realização de um levantamento preliminar de referências culturais, bem como demais metodologias participativas e tecnologias sociais - como as cartografias, vídeo participativo e levantamento socioeconômico -, se apresentaram como ferramentas e instrumentos potentes para conhecer aspectos socioeconômicos, ambientais, culturais e históricos que a comunidade conseguiu manter preservados e as ameaças que incidem sobre eles. Parte dessa construção compôs um arcabouço de um material latente, que deu origem ao que estamos chamando de Cartografia Visual das trabalhadoras da pesca artesanal de Boa Viagem, mas que, até então, não havia recurso financeiro para sua publicação.

Em 2024, com o envolvimento de uma antiga parceira, a produtora cultural Julia Botafogo, foi conquistado um novo edital, da Lei Paulo Gustavo, que, além permitir a publicação de parte do material produzido coletivamente, possibilitou a realização do Ensaio Fotográfico que havia sido idealizado pelas próprias Marisqueiras de Boa Viagem, como forma de ampliar a difusão e registro da produção de conhecimento e memória da comunidade.

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA COMUNITÁRIA

A pesquisa comunitária envolveu cerca de 35 mulheres de duas comunidades de marisqueiros(as) da cidade de Niterói: Boa Viagem e Juruçuba. Porém, como mencionado anteriormente, esta publicação tratou da experiência específica das marisqueiras de Boa Viagem, da qual participaram 14 mulheres.

O grupo indicou uma representante responsável por mobilizar e acompanhar os desdobramentos das atividades, participando dos encontros de trabalho, oficinas e entrevistas. A marisqueira Salete Feliciano foi escolhida para integrar a equipe técnica, representando Boa

Viagem, e outras duas marisqueiras de Jurujuba. A inclusão de marisqueiras na equipe se revelou um dos principais pontos fortes do processo, permitindo uma análise mais próxima da realidade.

O grupo foi convidado a participar de encontros regulares semanais, nos quais se constituiu um espaço de compartilhamento de suas experiências, conhecimentos e desafios relacionados à pesca. Realizamos reuniões comunitárias para discutir os objetivos da pesquisa e a importância da participação ativa das marisqueiras. Durante essas reuniões, acordamos que o estudo visava não apenas compreender suas práticas, mas também apoiar a pensar coletivamente ações que pudessem melhorar suas condições de trabalho e vida. Na primeira etapa do processo, realizamos um levantamento preliminar de referências culturais, coordenado pela historiadora Tainá Mie, seguindo as diretrizes do INRC - IPHAN, com total de 3 encontros presenciais. A metodologia focou na formação das pesquisadoras comunitárias, através da perspectiva da importância das mulheres marisqueiras na cadeia produtiva da pesca, na tomada de consciência do papel do sujeito histórico frente ao seu meio ambiente.

Os grupos focais foram organizados para fomentar discussões coletivas sobre temas relevantes, como cultura e tradição na pesca, transformações do território e

mar, e as estratégias de resistência e resiliência frente ao avanço da cidade. Esses grupos permitiram uma rica troca de experiências e a identificação de pontos comuns e divergentes na visão de cada uma. Em um segundo momento, dando continuidade a comunidade de aprendizado, foram realizados diversos encontros presenciais temáticos, relacionados à: fomento a organização coletiva, economia popular e solidária; trabalho produtivo e reprodutivo; direito das Mulheres na pesca artesanal; políticas públicas e saúde das pescadoras. Destes momentos de debate e reflexão, as marisqueiras também produziram materiais, como forma registro de suas percepções individuais e coletivas.

Realizamos também entrevistas em profundidade com um grupo representativo de marisqueiras. As entrevistas foram semiestruturadas, permitindo que elas compartilhassem suas experiências de maneira livre e espontânea. As questões abordaram temas como a invisibilidade do trabalho da mulher na pesca artesanal, práticas tradicionais de coleta, os impactos ambientais, as políticas públicas e as dinâmicas comunitárias. Estas entrevistas foram gravadas, com consentimento de todas as participantes, e se tornaram um documentário produzido pela Geodésica Produções, com coordenação de Julia Botafogo e Taís Lobo, a partir da metodologia da cartografia visual e do cinema auto referencial. Neste proces-

so as marisqueiras elegeram histórias, pessoas, temas, lugares, cenas, objetos, ações, importantes para serem registrados como também se apropriaram dos instrumentos audiovisuais, manuseando elas mesmas as câmeras de filmagens e equipamentos de áudio, conduzindo as perguntas e direção do filme.

Em uma terceira etapa, desencadearam processos fazendo uso de ferramentas participativas, como a Cartografia Social, onde foram elaborados mapas sociais sobre os aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais do território e maretório, como forma de desmistificar o próprio mapa, recolocando os mapas no seu lugar do debate político e revelando situações sociais negadas, propondo uma nova interpretação dos dados oficiais (ALMEIDA, 1993). Os dados coletados foram codificados e analisados tematicamente. O processo de análise foi realizado em colaboração com as marisqueiras, garantindo que suas narrativas e perspectivas fossem centrais na interpretação dos resultados. Neste processo, contamos com a parceria do projeto de extensão da UFRJ, UrbeLatam, e da técnica Alessandra Figueiredo, que, a partir da cartografia social, produziu mapas georreferenciados, disponíveis em anexo. Também foi realizada a cartografia do corpo-território, trazendo a reflexão de como o território afeta o corpo e saúde das pescadoras, com o apoio da educadora Luz Ângela.

Promovemos sessões de reflexão coletiva com as marisqueiras para discutir os achados preliminares e validar as interpretações. Esses momentos também foram fundamentais para planejar ações concretas que pudessem ser implementadas na comunidade. Foi neste contexto que se consolidou a ideia de um Ensaio Fotográfico e produção de um catálogo da Cartografia Visual das Marisqueiras de Boa Viagem, como forma de apresentar o acúmulo das reflexões e materiais de pesquisa por elas produzidos.

Marina Freire



As Marisqueiras da Boa Viagem: *do mexilhão à arte de viver*

Ademas da Costa & Marina Freire

As mulheres retratadas neste ensaio de fotoperformance fazem parte da história da comunidade do Morro do Palácio. “Marisqueiras da Boa Viagem”, como gostam de ser chamadas, performaram suas vidas cotidianas, conectadas pela imagem. Seus saberes, suas lutas, seus amores que vivem entre as águas, Mães, filhas, netas, amigas, são o sal que tempera o ciclo infinito das marés. Entre elas, a vida é forte, quente e

apaixonada pelo lugar que elas construíram na função de se firmarem como Marisqueiras.

A “cartografia visual” dessas mulheres guerreiras está situada na Região das Praias da Baía. Com a maior proporção de verticalização e adensamento populacional em Niterói, município com 481 mil habitantes (IBGE 2022), situada na entrada da Baía de Guanabara, a Boa Viagem, segundo dados do mapa da desigualdade de 2023, tem um perfil de renda média mensal três vezes superior à renda de 50% da população da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Nessa região, no alto do Morro do Palácio, - comunidade caracterizada como zona de especial interesse social pelo Plano Diretor de 2019 - observam a cidade, as Marisqueiras.

Muito cedo levantam. Descendo a ladeira do Palácio, indo à praia da Boa Viagem, é que veem o nascer do sol. Na paisagem se dividem entre as belezas atlânticas naturais, que contrastam em cores com a moldura dos prédios da cidade acinzentada e moderna. O dia de trabalho que começa é uma arte e um saber cotidiano, que desabrocha a rara simplicidade das Marisqueiras. Não é ironia que elas trabalhem na base do Museu de Arte Contemporânea. E essa arte de viver é tudo que elas têm, se tornando a pode-

rosa entidade que ocupa as frestas das pedras, encontrando riquezas e coletando a Arte de Viver e Mexilhão.

No dia do ensaio, a fotoperformance foi construída em múltiplos movimentos. Primeiro por elas mesmas, por desejarem que suas vidas sejam vistas como um ponto de partida, se mantendo comprometidas com a trajetória coletiva enquanto Marisqueiras. Junto a elas se apresentou um outro grupo de mulheres, artistas, pesquisadoras, que ao longo dos últimos três anos as escutavam sensíveis no projeto Mar das Marisqueiras. Juntas, essa força que elas representam, é a manifestação de um vínculo afetivo ao espírito ancestral feminino, à grande mãe d'água, que proporciona a abundância necessária para a vida transformar a emoção das marisqueiras em arte. Com esse movimento são elas que mostram e desejam o que querem que seja visto, o que querem contar.

No sábado à tarde, três homens acompanhavam as doze mulheres que atravessavam a praia da Boa Viagem. A esses três homens, elas performaram a arte em seus corpos sobre o lugar. Jeff, filho de todas elas, compartilhou uma mirada única, de quem conhece muito intimamente o sorrir das marisqueiras. O outro, eu mesmo, Ademas como um fotógrafo à parte disposto a compartilhar o olhar de quem já viveu entre as marés, pescou e

escreveu. E Fábio, profissional, parceiro de outras iniciativas, que registrava o making of.

Fui convidado - desafiado por elas - a colaborar com o processo, compartilhando momentos da experiência local com o público. Nasci e cresci em Niterói, em outra localidade também especialmente identificada com o ritmo das marés e fui honrado com a especial tarefa de apresentar aos leitores o contexto do ensaio Marisqueiras da Boa Viagem. Saibam que essa não foi uma aventura, e sim uma jornada de anos de dedicação, em que temos experimentado encontros proporcionados com os povos da pesca. Foi um reencontro feliz com essas pesquisadoras. Marina e Natália, minhas amigas, que estavam à frente do Mar das Marisqueiras. Ao lado delas estava Tainá Mie, historiadora com um lindo trabalho com comunidades caiçaras, amiga de longa data de Julia Botafogo, produtora cultural e ceramista com quem tive o prazer de colaborar nos painéis de arte pública inaugurados na comunidade de pescadores de Itaipu em 2023.

Posso dizer que esse ensaio é mais que a colaboração entre pessoas interessadas em arte e ciência. Trata-se de um movimento de seres humanos comprometidos com a vida. Comprometidos estamos com as mulheres Marisqueiras, cientes de um contexto político dado à opressão machista, à violência racial e de classe e aos

extremismos políticos. Temos um conjunto de princípios norteadores que nos mobilizam para contrapor, nos debates públicos do tempo presente, este fardo. É essa “História Pública que queremos” contar (Mauad, Santhiago, Borges, 2018) está aqui e ali, por todo lugar em que se acredita que a sensibilidade compartilhada do olhar e da escuta consolida parcerias para a construção de um novo mundo. Acreditamos! Não por acaso é no Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense, localizado em Niterói, que ganha força uma proposta de escrita da história nova que seja contra-colonial (Almeida, 2024), e que quer ser aprendida através do diálogo com estigmas da desigualdade histórica, superando a noção de que os públicos socialmente invisibilizados não têm história para contar. “Mas que história eu tenho pra contar?”, é em resposta a essa pergunta muito comum entre os grupos historicamente invisibilizados que se constrói na troca e nas parcerias, um movimento que consolida a narrativa história das marisqueiras como obra de arte. A partir dessa perspectiva surge o “fazer junto” que acessamos o mundo dessas imagens e, através delas, superamos!

Nesse diálogo está aberto, para todos nós, um pertencimento comum à paisagem brasileira permeada pelos signos históricos da desigualdade. Este signo atinge diretamente e de forma diferente corpos específicos que cons-

troem suas memórias de disputas de significado sobre a vida (Agambem, 2017). O que significa, marca de forma característica as emoções das Marisqueiras, que narram e fazem da imagem um fragmento que é também testemunho de sentidos ao mundo que elas vivem. E torna por isso as imagens de Jeff um artefato que pertence a esse mundomarisqueira que apresentamos aqui ao público.

Trata-se de testemunhos de mulheres marisqueiras que estão em constante estado de invisibilidade. E suas vidas e dilemas, desconsideradas em relatórios de produtividade anual dos órgãos que fazem o acompanhamento das atividades da pesca. É recente a visibilidade da categoria nos debates públicos, que as têm situado em círculos de acolhimento de demandas socialmente vivas com a emergência dos Fóruns de Economia Solidária (Ramalho, 2024). Esse quadro é recente e ganha proporção pelo amplo contexto nacional em que se inserem os debates pelo protagonismo das comunidades tradicionais ao longo das últimas décadas sintetizadas pelo uso da expressão “Maretórios”.

Esse neologismo vem a designar as experiências dos povos da pesca, em dinâmicas e práticas de saber que são condicionadas pela paisagem comunitária e permeadas pelo tempo do ciclo das marés. Maretórios, por assim dizer, se compreendem sobretudo em um movimento, que

inclui a luta por demandas socialmente vivas do Morro do Palácio, na Boa Viagem - contextualizado nesse trabalho na cartografia visual. É na imagem construída, ensaiada, que se tem a fonte daquilo que precisa ser dito. No gesto, na pose, na maquiagem se está diante de outros símbolos da poética da vida que explica uma parte das histórias do maretório da Boa Viagem. Nesse horizonte de sentidos, surge um processo que contribui com um movimento de criação artístico e também de fontes de imagem e memória em uma dinâmica colaborativa, onde essa autoridade é compartilhada (Mauad, Almeida, Knauss, 2023; Frisch, 1990).

Com direção de fotografia da artista plástica Uýra Sodoma, o ensaio de fotoperformance com as marisqueiras da Boa Viagem se apresenta em formato de catálogo e propõe realizar uma devolutiva ao mundo da vida, buscando ser capaz de produzir um percurso de reconhecimento em relação às sensibilidades humanas e aos dilemas históricos que perpassam a vida das mulheres marisqueiras da Boa Viagem, mas não apenas. Assim, cada retrato, aberto à interpretação, vem a ser uma obra incompleta mas enraizada. Essa raiz diz respeito ao compromisso político e poético, que quer dar lugar à arte de viver. Um viver que diz que quer e precisa ser visto em relação aos povos da pesca e ao mar, no Antropoceno.

CARTOGRAFIA VISUAL

As instituições de conhecimento que tratam do tema da atividade pesqueira no Brasil, tradicionalmente têm abordado a pesca artesanal do ponto de vista do processo de captura do pescado, no que tange ao seu potencial produtivo e de garantia da segurança alimentar. Essa observação institucional atenta para o uso de categorias de desenvolvimento que são ou foram em algum momento implementadas como política pública, isto é, retendo o tema da pesca ao seu uso como uma categoria de Estado (Silva, 2015), e não de uma prática costumeira (Thompson, 1998). As trabalhadoras(es) do mar estão assim invisibilizadas enquanto portadoras de saber e de cultura para serem consideradas enquanto partícipes da cadeia produtiva de um setor econômico. Entre os processos de invisibilidade vem a ser promovido o pescador como figura representativa da profissionalização e modernização do setor, o que faz emergir a necessidade de um recorte de gênero, reconhecendo que através desse contexto histórico as mulheres trabalhadoras do mar têm materializado sua relevância no tempo presente.

A carência de políticas públicas efetivas voltadas às trabalhadoras do mar tem por isso mostrado a tendência de

inibir processos contínuos de fortalecimento dos movimentos que reivindicam direitos diante de demandas socialmente vivas presentes no discurso dessas mulheres. O que essas políticas públicas têm reafirmado são traços da consequência do processo de nacionalização da pesca artesanal no Brasil que foi implantado à revelia do reconhecimento das características do modo de viver dessas comunidades e suas demandas compartilhadas com o povo brasileiro. É notória a escassez de informações mais específicas sobre as marisqueiras, como se confirma sobre a comunidade Boa Viagem. A fim de sanar algumas dessas demandas, no âmbito desta pesquisa, foi realizado a aplicação de questionários socioeconômicos, a fim de caracterizar de forma introdutória o grupo que participou que dela ativamente. O perfil da cartografia visual do grupo representado neste levantamento inclui 16 Marisqueiras de Boa Viagem, na faixa etária que vai de 18 a 66 anos.

Todas as mulheres que responderam ao questionário concordavam em se reconhecer também como vinculadas à categoria de pescadoras artesanais. Isto é, têm sua profissão na atividade pesqueira. A pesca artesanal, conforme relatado pelas pescadoras, parece estar associada à pesca para a venda e geração de renda, mas também

contribui para uma economia não monetária, de trocas, e para a autonomia alimentar da família.

Nas rodas de conversa realizadas, o grupo afirmou que a participação na cadeia produtiva de mexilhão é considerada como uma importante alternativa de subsistência. Que contribui para dar coesão ao grupo de trabalhadoras do mar em meio urbano, uma vez que todas elas dependem diretamente da comercialização dos produtos do marisco, dada a sua importância econômica no contexto local e regional. De acordo com o questionário (56,3%) têm da pesca sua fonte principal de renda, (31,3%) é complementação de renda e (12,5%) não responderam esta questão.

A pesca artesanal, de maneira geral, se caracteriza pelo trabalho pouco mecanizado e coletivo, que permite o desenvolvimento da autonomia econômica dos setores populares, diferente de um mercado de trabalho formal (Silva; Leitão, 2016). Segundo a Lei no 11.959, de 29 de junho de 2009 que dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, a pesca artesanal é considerada comercial: “quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de peque-

no porte”. Embora a análise deste trecho da legislação nos ajude a entender a associação da pesca artesanal à questão da comercialização, um entendimento mais aprofundado sobre modos de vida e tradições que envolvem a pesca artesanal se faz necessário. A questão que se coloca, analisando as narrativas acima, é uma redução da pesca artesanal ao ponto da comercialização, invisibilizando o seu caráter familiar e tradicional, assim como modos de vida, de reprodução socioeconômica e de segurança alimentar (Costa et al. 2014). Este aspecto se torna ainda mais relevante, por exemplo, quando se pensa a trajetória do entorno da Ilha de Boa Viagem, diante das históricas proibições da pesca de mexilhão enfrentadas pelas marisqueiras e marisqueiros.

No entanto, embora modos de trabalho e vida e tradições sejam ignorados pelas legislações, o termo “pescador artesanal profissional” ganha uma dimensão mais ampla a partir dela, passando a abranger todos que participam de quaisquer etapas da cadeia produtiva, desde a confecção dos materiais, aos diferentes tipos de captura e pesca, até o beneficiamento do pescado e sua comercialização.

Em teoria, o reconhecimento dos demais atores que atuam na cadeia produtiva da pesca parece dar visibilidade e legitimação às mulheres que participam das inú-

meras atividades do setor produtivo artesanal, tais como: fazedoras de rede, fazedoras de cestos, beneficiadoras de pescado, que praticam a comercialização, entre outras (Rodrigues et al., 2018). Não obstante, o seu reconhecimento enquanto profissionais ainda é problematizado (Silva; Leitão, 2016; Rodrigues et al., 2018). Nesse sentido, as mulheres são impossibilitadas de fazer uso dos seus direitos mais básicos, como licença maternidade e seguro-desemprego sob a condição auxiliar das pescadoras, processo que se configura no que Silva e Leitão (2016, p. 141) chamou de “silêncio legislativo”.

Este “silêncio legislativo” e burocracia encontrada torna explícita a negação de direitos entre a própria classe trabalhista, com o recorte de gênero. Nos resultados observados dos questionários e rodas de conversa, quando, ao serem perguntadas se já tinham o Registro Geral da Pesca (RGP) que assegura benefícios como o seguro-defeso, somente duas responderam positivamente. E, durante encontro semanal, as mulheres expuseram que, em períodos de defeso, elas precisam arrumar outras fontes de renda, como faxina e manicure para poder gerar renda neste intervalo de tempo. Estes dados chocam-se com o fato de mais de 50% delas dependerem do marisco para garantir a reprodução da vida e a grande maioria dessas trabalhadoras do mar possuírem décadas na prática do marisco. Além disso, as mulheres enfrentam difi-

culdade de posicionamento enquanto pescadoras frente à própria comunidade.

O trabalho produtivo feminino na pesca com frequência é desvalorizado, especialmente por ser associado, de forma geral, a uma atividade reprodutiva, por utilizar conhecimentos e habilidades similares às empregadas nos afazeres domésticos (Santos, 2013; Melo; Lima; Stadtler, 2009). Observa-se na maioria das comunidades pesqueiras do país que a inserção das mulheres comumente se dá nas atividades da pesca de mexilhão e em outras categorias, como filetagem, beneficiamento e comercialização (Fassarella, 2008). Tal fato também se observa nas comunidades de Boa Viagem, onde, dentre as atividades desempenhadas pelas mulheres, a mais citada é o descascamento do mexilhão, correspondente à etapa de beneficiamento.

É importante destacar que dentre as marisqueiras envolvidas 85% se autodeclaram preta ou parda, ou seja, esta é uma comunidade predominantemente negra, que enfrenta várias formas de racismo estrutural no Brasil. Neste sentido, as políticas ambientais - que por vezes reproduzem o racismo estrutural - implementadas na região têm contribuído significativamente para a perda cultural e social dessa comunidade, uma vez que criminalizam as práticas tradicionais e promovem a falsa ideia de que a

presença humana é inerentemente prejudicial ao meio ambiente, baseando-se em uma perspectiva ambiental conservacionista.

A cadeia produtiva do mexilhão, na região da Baía de Guanabara, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, ainda é caracterizada por forte grau de informalidade dos povos da pesca artesanal. Ainda que existam políticas públicas para esse setor, muitas(os) não possuem seguro defeso, e/ou não conseguem acessar financiamentos pela sua burocracia. Faltam estruturas adequadas para o desconchamento, armazenamento e beneficiamento do marisco e, de modo geral, a comercialização é subordinada a atravessadores que não valorizam o processo artesanal como um todo.

Por sua vez, se considerado um recorte de gênero, a vulnerabilidade é ainda mais acentuada. A força de trabalho das mulheres pescadoras nesta cadeia, na maioria dos espaços, é tido como de menor valor e importância, além do próprio trabalho reprodutivo não ser reconhecido no conjunto da comunidade, o que gera graves consequências e assimetrias no cotidiano das mesmas. Por serem atividades realizadas, em sua maioria, fora do mar, culturalmente o trabalho produtivo feminino na cadeia da pesca é visto apenas como uma extensão de suas atividades domésticas, ou seja, como papel social de

mãe-esposa-dona-de-casa. Dessa maneira, as trabalhadoras da pesca são vistas como “ajudantes” e sua força de trabalho desvalorizada, o que de forma alguma condiz com a realidade, uma vez que desempenham uma intensa rotina diária, que demanda tempo, esforço, material, além de serem responsáveis pelo importante papel de agregar valor ao pescado, possibilitando aumento da renda familiar ou do dono do rancho sob baixa remuneração - diárias de R\$50 a R\$70 -, e condições precárias de trabalho, acirrando as desigualdades de gênero. Soma-se a essa situação a estrutura hierárquica da cadeia produtiva do mexilhão, onde as mulheres, em sua grande maioria, encontram-se subordinadas a uma relação de poder assimétrica com os donos dos ranchos/barracões e das plantações de mexilhão, sem autonomia produtiva e sem garantia de trabalho, visto que são chamadas de acordo com a produção e, se faltarem ao trabalho, ainda que por motivos de doença, perdem suas vagas.

HISTÓRIA PÚBLICA E FOTOPERFORMANCE

O que o público tem acesso com essa obra é o começo de um diálogo proposto entre a arte e a vida que vira ensaio. A história e as imagens aprofundam nosso olhar nas rugas que marcam a vida das mulheres marisqueiras. É possível ver, elas se aproximam, se movimentam, seus gestos, seus traços se tornam, com o tempo, familiares. Passam a dizer algo sobre um mundo compartilhado, habitável e possível. Um mundo que também é nosso e que conhecemos. O ensaio textualiza a realidade vivida, desejando que ela ganhe um sentido, isto é, um novo sentido, além do que é visível com as cores e formas da luz do dia. Ganha o sentido do documento fotográfico que é fonte e processo histórico (Mauad, Almeida, Knauss, 2023), em movimentos que são significativos ao cotidiano. Seu primado pode se dar enquanto um tipo de evidência composta da imagem, que é um dado material do passado que se vê como o gesto do mundo atual em movimento.

É desse sentido de movimento que consideramos ser possível perceber a potência da narrativa histórica das marisqueiras da Boa Viagem, como uma narrativa públi-

ca, que se insere em um movimento mais amplo que está a todo tempo comprometido com a vida.

Em seus maretórios, essas mulheres, marisqueiras, fazem questão de reencantar o mundo e lembrar - “também sonhamos”. Querem falar sobre o seu tempo, tecer a narrativa para serem vistas, vendo a si mesmas como um coletivo. Pela perspectiva do momento, na imagem, podem ser como se fossem maiores que o mundo que os contorna. Fazendo o olhar fotográfico trazer à vida a percepção de como se dá o desejo delas de como querem ser vistas. E assim, dão sentido à narrativa histórica que coloca em questão paradigmas do século XXI.

É essa estética e perspectiva dos gestos das marisqueiras que traz uma mobilização desses discursos que colabora com a criação de uma atmosfera de pensamento anti-colonial. Atmosfera que também se tem mostrado como possível na emergência de uma nova forma de evidência, que garante direitos sociais com o registro de imagens, que nesse panorama também renova abordagens nos debates públicos contemporâneos (Almeida, 2024). Juniele Rabelo de Almeida tem abordado a necessidade de uma práxis “contra-colonial” que é capaz de desmistificar hierarquizações teóricas e metodológicas no conhecimento das humanidades, através da abertura à escuta de trajetórias de vida, uma dimensão sensível e

encarnada que mostra estratégias para superar o “carrego colonial”, como se refere a esse fenômeno Luiz Rufino. A autora por sua vez traz à cena Nego Bispo, que parte da cosmovisão quilombola para considerar que as relações de conhecimento transcendem organismos vivos no ambiente do ponto de vista individual, proporcionando uma dimensão de horizontalidade de princípios como reconhecimento da intersecção de valores, crenças e sentimentos expressos em modos de vida comunitários.

Antonio Herculano Lopes, pesquisador que de forma semelhante trabalha a partir da intersecção da história como performance, traz a reflexão sobre a tradição desses estudos que tratam a expressão performance como ideia-força para as análises que aproximam o campo das ciências sociais e das artes. Seu argumento sugere que é no uso dos corpos, das linguagens corporais e suas expressões, que se percebem procedimentos vitais, individuais e coletivos, em que a decoração faz parte de um processo de se fazer ver - incitando através de elementos performáticos - as identidades que são ao “mesmo tempo um reflexo das influências do curso dos eventos” (Lopes, 1994).

Justamente, ao falar da interpretação, interpelando as dimensões do público e da corporalidade das narrativas, que a performance passa a fazer ver gestos que irrompem com naturalidade as práticas de poder colonial. O gesto é

um sopro na imaginação. Livre da hierarquização técnica e do fardo estético colonial, que é apreciada na fotografia obtida não como um resultado, mas sim um chamamento para participar de um processo que envolve a vida e a arte de viver.

A imagem é a tecnologia que, à luz das marisqueiras, permite ver mariscos e marés. A imagem é também um chamado, pertence ao movimento insurgente que possui estética e sentido no ir-e-vir das Marisqueiras. Em trincheiras, em gestos, pacientes empilham mariscos como quem se vê como guerreira. Como se contassem o tempo, criam o momento, e hoje acessam de forma política e poética os salões do Museu de Arte Contemporânea com suas histórias para contar e suas belezas para mostrar. Mostram com simplicidade que um gesto é capaz de reinventar o mundo à sua maneira. O estar na imagem se torna o que é visto. Mas o que não é possível de se ver? Um presente que também marca ausências. A Marisqueira está ali, mas quando não está é diarista, é cabeleireira, manicure, dona de casa... e é também só ela mesma, descansando, ouvindo sua música e tomando sua cerveja no Palácio.

É através dessa forma de aproximação com os múltiplos sentidos do espaço público que, em “História Pública e Performance: um diálogo para se repensar os públicos e as representações da história”, Ivan de Melo Santos (2024)

coloca à disposição dos estudos de memória a noção de “brecha”, analisando a realização performática do movimento. É olhando por essas “brechas” que se acessa o público através do exemplo das representações de temas socialmente vivos que têm sentido histórico, brechas que podem ter sentido biográfico (Almeida, 2024) indo além do movimento vital e pessoal, realizando um olhar que se profunde sobre toda a sociedade e as formas de convivência comunitárias.

As Marisqueiras estão conduzindo movimentos que abrem brechas para outras formas de se contar histórias. Histórias que precisam continuar existindo. Na paisagem, o grupo constitui essa entidade coletiva, quase mística, que chamamos aqui de As Marisqueiras. Elas a encarnam em gestos, e constroem em lembranças, em relação ao fluxo infinitamente vivo composto das marés. Esse ensinamento ancestral conecta essas mulheres à grande mãe. O ventre da vida no planeta. Chamamos por ela, assim. É necessário continuar, viver a maré e (a) mar. É dessa sabedoria, que vem como memória ancestral, que permite ensinar as futuras gerações, e mostrar que o abismo social das relações humanas são impostas por práticas reproduzidas das instituições de poder colonizadoras. É preciso superá-las, desfazer-se das amarras, do carrego, e abrir essas brechas que são baseadas em outras práticas. Práticas que permitam continuar

contando histórias (Krenak, 2019), superando o perigo de uma história única (Adichie, 2019), para nos proteger da queda do céu (Kopenawa; Albert, 2015) ou da elevação dos níveis do oceano. É assim que a terra, a água, o corpo, o ar, a arte e a vida estão nas imagens, com As Marisqueiras, na beira da Praia de Boa Viagem.



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEM, Giorgio. Homo Sacer IV. 2: O uso dos corpos. São Paulo: Boitempo, 2017.

ALMEIDA, A. W. B. de. Carajás: a guerra dos mapas. Belém: Falangola, 1993.

FASSARELA, Simone Simões. O trabalho feminino no contexto da pesca artesanal: percepções a partir do olhar feminino.

FRISCH, Michael. Essays on the craft and meaning of oral and public history. New York: State University of New York Press, 1990.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MAUAD, Ana; ALMEIDA, Juniele; KNAUSS, Paulo. A interface memória e história na trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem - LABHOI/UFF. In: MAIA, Andrea Casa Nova; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). Pandemia e Futuros Possíveis: debates do XVI Encontro Nacional de História Oral. Rio de Janeiro: Telha, 2023.

MAUAD, Ana; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane, T. Que história pública queremos? What public history do we want? São Paulo: Letra e Voz, 2018.

MELO, Hildete Pereira; CASTILHO, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? Revista de Economia Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, jan./abr. 2009.

MELO, Maria de Fátima Massena; LIMA, Daisyvângela; STADTLER, Hulda Helena Coraciara. Trabalho das pescadoras artesanais: “Coisa de mulher”. In: Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, XX, 2009, Fortaleza - CE. Anais Grupo de Trabalhos GT 01 - Desenvolvimento humano, família e relações de gênero, Fortaleza - CE, 2009, p. 1-11.

RODRIGUES, Davi Henrique Branco Carioni; JORGE, Clara de Lima Patrizi; FREIRE, Marina; LIANZA, Sidney. A participação das mulheres na pesca artesanal: uma pesquisa exploratória no Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro. Revista Tecnologia e Sociedade, Curitiba, v. 14, n. 32, p. 173-193, 2018.

SANTOS, Gilney Costa. Ribeiro D. O que é lugar de fala? Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 43, n. 8, p. 360-362, dez. 2019.

SANTOS, Ivan. História Pública e Performance: um diálogo para se repensar os públicos e as representações da história. In: ROVAI, Marta; KOBELISKI, Michel (Orgs.). História Pública - Para quem, para quê, como e com quem? Guarapuava: Editora Unicentro, 2024.

SILVA, Catia Antonia. Política Pública e Território: passado e presente na efetivação de direitos dos pescadores artesanais no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SILVA, Vera Lucia da; LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. O processo de reconhecimento jurídico do trabalho das pescadoras artesanais catarinenses e a indefinição de direitos trabalhistas e previdenciários. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito, Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba, v. 5, n. 1, p. 138-167, 2016.

MINI BIOS

Ana Carolina Anastácia de Moraes

Sou Ana Carolina Anastácia de Moraes, sou marisqueira, cozinheira e dona de casa. Ainda não realizei meu sonho, que é fazer faculdade de nutrição, pois já tenho o 2º grau completo. Nasci em 1999 e tenho mais de 3 anos no marisco. Além de marisqueira, sou cozinheira e dona de casa. Gosto de cozinhar, sair com a minha família e ir à praia. Moro há mais de 5 anos no Morro do Palácio, em Boa Viagem, e minhas cores favoritas são o amarelo e o laranja. Uma memória boa que eu tenho do passado era meu tio contando piadas para todos no marisco rirem. Gosto de ouvir a música “Né Segredo”, do Mc Cabelinho. Meu prato favorito de frutos do mar é mexilhão enso-pado com camarão. Uma coisa que me deixa triste no trabalho do mexilhão, além de não sermos reconhecidas, é que não tem banheiro no nosso local de trabalho.

Cláudia das Neves

Nasci no dia 30 de Janeiro de 1974, sou marisqueira, cozinheira e faxineira. Já trabalhei na Prefeitura de Niterói, na limpeza urbana. Tenho 2 filhos e 3 netos. Gosto de sair com os amigos e ir à praia. Realizei meu sonho de ter a casa própria, e gosto de ouvir louvores. Gosto de fazer meu prato de jiló com marisco. Eu fico triste quando não tem união entre nós. Meu desejo para as mulheres do marisco é que a gente realize o sonho de todas serem legalizadas.

Ana Paula de Jesus

Sou a Paulinha e eu sou colorida, gosto de todas as cores. Nasci em 09 de outubro de 1991. Além de trabalhar no marisco, eu amo fazer unhas. Já fui camareira, doméstica e sou marisqueira há mais de 27 anos, além de manicure e doméstica. Tenho uma filha pequena e meu sonho é ter um salão de beleza. Moro no Morro do Palácio, em Boa Viagem, há mais de 30 anos. Gosto de ir à praia e ver novelas. Uma época boa para nós do mexilhão é a Semana Santa, quando ganhamos melhor, porque uma coisa que me deixa triste é receber pouco no trabalho do marisco. Nunca realizei um sonho e parei de estudar no 1o grau. Gosto de funk e meu prato favorito é peixe ensopado ou frito, na moqueca de camarão.

Cristina da Conceição

Meu nome é Cristina da Conceição Peixoto, filha de Maria Terezinha da Conceição, neta de Maura Maria da Conceição, sobrinha de Maria das Neves, todas marisqueiras, trabalhávamos para Bigode. Nasci em 05 de outubro de 1971, vim para Morro com 10 anos de idade, não tinha luz, não tinha asfalto, pegávamos água no pé do morro. Minha casa antes era de pau-a-pique. Eu e o meu marido íamos catar ripa na beira da praia, poder botar o barro e fazer as paredes. Ele até hoje trabalha na praia. Tenho quatro filhos: Cássia, Carolina, Karen e Otávio. Levava eles pra praia pra trabalhar comigo, porque eu não tinha com quem deixar para trabalhar. Sou marisqueira, sou guerreira!

Rayane Jesus Vitória

Meu apelido é Ray, nasci no dia 06 de outubro de 1993, trabalho há mais de 20 anos no marisco. Sou marisqueira, dona de casa e organizadora de eventos em andamento. Já tive carteira assinada como doméstica. Tenho 1 filho adolescente. Moro no Morro do Palácio, no Ingá, há 30 anos. No meu tempo livre, gosto de ficar em casa vendo filmes. Minha cor preferida é vermelho. Gosto muito de pagode. Terminei o Ensino Médio e conquistei meu sonho de ter a minha casa. Hoje quero acabar de construí-la. A melhor memória do trabalho com o marisco é das amizades. Meu prato preferido com mexilhão é estrogonofe de mexilhão. A coisa mais triste do trabalho com mexilhão é a desigualdade. Meu maior desejo para as mulheres marisqueiras é a conquista de direitos.

Caren da Conceição Caetano

Sou a Caren da Conceição Caetano. Nasci em 26 de junho de 1995. Tenho 2 filhos. Trabalho com marisco e moro no Morro do Palácio, em Boa Viagem, há mais de 27 anos. Meu maior desejo é que as marisqueiras sejam reconhecidas, porque essa invisibilidade me deixa triste. Nunca realizei um sonho, mas espero realizar o de ter minha casa. Já trabalhei em uma loja de comida e tenho boas recordações da época da Semana Santa, com meu tio Titio. Gosto de Bobó e de dormir, comer e sair. Minha música favorita é “Maldivas”, da Ludmilla, e gosto da cor branca.

Carolina da Conceição Caetano

Meu nome é Carolina da Conceição Caetano. Tenho uma filha: Louise Helena. Sou nascida e criada no Morro do Palácio. Nasci em 19 de novembro de 1993. Trabalho no marisco com os meus pais desde os meus 13 anos. Ia para a escola e de lá ia direto para praia ajudar eles no marisco. Eu sempre gostei de trabalhar. Minha família veio do marisco, graças a minha mãe e meu pai, nunca passamos necessidade. O marisco é um trabalho digno como todos, ajudou meus pais a criarem a gente, somos quatro filhos. Como eu trabalhei muito tempo no mexilhão, eu não sou muito fã, porque me enjoou. Meus pratos favoritos são camarão e peixe. As minhas cores preferidas são preto e amarelo.

Saete Feliciano da Silva

Meu desejo é ver as mulheres marisqueiras serem reconhecidas. Sou marisqueira há mais de 15 anos e moro há mais de 25 anos no Morro do Palácio, em Boa Viagem. Já trabalhei em cozinha, em loja, em imobiliária e como auxiliar de serviços gerais. Realizei meu sonho de comprar minha casa e sonho em ter um comércio. Gosto de ver novelas, de fazer churrasco na praia e sinto saudade da época que trabalhava com o finado Rogério. Nasci em 02 de janeiro de 1972, parei de estudar no 1o grau e tenho 3 filhos e 4 netos. Minha cor favorita é a preta, minha música favorita é “Carolina” e meu prato favorito é estrogonofe de mexilhão.

Cintia de Araujo Teodoro

Meu nome é Cíntia de Araújo Teodoro. Sou filha de marisqueira. Meus avós eram marisqueiros. Moro aqui no Palácio desde que nasci. Fui criada na beira de praia. Comecei a trabalhar no marisco com 12 anos de idade, meu avô mergulhava e eu descascava. Aprendi com meu avô a mergulhar, ele me levava para Biboca, aprendi também a ensacar com ele. Sou formada e cuidadora de idoso, auxiliar de escola, faxineira e trabalho em restaurante também. Eu faço tudo e mais um pouco, e crio meus filhos sozinha. Gosto de ir para a praia, passear e comer “mexilão” ao molho com bastante tempero: pimentão, cebola e um arroz fresquinho. Gosto de escutar hino e pagode, eu gosto de escutar tudo. Meu maior sonho é dar uma vida melhor para os meus filhos. Ter uma casa boa e um conforto melhor.

FICHA TÉCNICA

Fotografia Expandida - As Marisqueiras

**Idealização, Coordenação Geral
e Produção Executiva:**

Julia Grillo Botafogo

Realização:

Geodésica Produções

Secretaria do Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro

Lei Paulo Gustavo

Ministério da Cultura

Apoio:

MAC - Museu de Arte Contemporânea de Niterói

MACquinho - Centro Cultural de Cidadania e Economia Criativa

Catálogo Digital

Organização:

Julia Botafogo

Joanna da Hora

Marina Freire

Produção de Texto:

Ademas Pereira da Costa Junior

Marina Freire de Oliveira

Tainá Mie Seto Soares

Transcrição de entrevistas:

Julia Botafogo

Joanna da Hora

Curadoria Fotos:

Josemias Moreira Filho

Arte:

João Giorno

Vinícius Lobo

Edição Catálogo Digital e Identidade Visual:

João Giorno

Vinícius Lobo

Assessoria de imprensa:

Silvana Cardoso do Espirito Santo

Coordenação de Acessibilidade:

Michelle Mayumi Tizuka

Acessibilidade:

Aline Ribeiro dos Santos

Natasha Ruback da Silva

Inês Accioly

Cássia Maia

Revisão:

Joanna da Hora

Tainá Mie Soares

Oficina Fotoperformance

Facilitadora:

Uýra Sodoma

Produção Executiva:

Julia Botafogo

Ensaio Fotoperformance:

Coordenação Geral e Produção Executiva:

Julia Botafogo

Direção de Arte:

Uýra Sodoma

Fotografia:

Josemias Moreira Filho

Modelos:

Ana Carolina Anastácia de Moraes

Ana Paula de Jesus

Caren da Conceição Caetano

Carol da Conceição Caetano

Cintia de Araujo Teodoro

Cláudia das Neves

Cristina da Conceição

Rayane Jesus Vitória

Salete Feliciuano da Silva

Produção:

Joanna da Hora

Maquiadora:

Rebekka Ferreira

Fotos e Vídeos Making of:

Fábio Figueiredo Mesquita

Pesquisa

Coordenação Pesquisa:

Marina Freire de Oliveira

Supervisão Pesquisa:

Tainá Mie Seto Soares

Pesquisadores:

Alessandra Alves Rosa

Ana Carolina A de Moraes

Ana Paula de Jesus

Caren da Conceição Caetano

Carolina da Conceição Caetano

Cassia da Conceição Caetano

Claudia das Neves

Cristina da Conceição Peixoto

Daiana da Conceição

Débora da Silva

Elen Geraldina

Fabianey Cunha da Conceição

Geovana de Souza Costa

Iraci

Jasmine

Rayane Jesus Vitória

Salete Feliciano da Silva

Tatiana N Silva

Administração Pesquisa:

Nathalia Batista

Entrevistas Extras

Direção:

Julia Botafogo

Assistente de Direção:

Joanna da Hora

Projeto Expositivo (MAC)

Concepção e Produção:

Julia Botafogo

Roda de Conversa

Ana Carolina Anastácia de Moraes

Ana Paula de Jesus

Caren da Conceição Caetano

Carol da Conceição Caetano

Cássia da Conceição Caetano

Cintia de Araujo Teodoro

Cláudia das Neves

Cristina da Conceição

Elen da Silva Geraldina

Rayane Jesus Vitória

Salete Feliciano da Silva

Tatiana das Neves Silva

Documentário

Co-produção:

Banco Preventório

Fundo Brasileiro para a Biodiversidade FUNBIO

Realização:

Geodésica Produções

Equipe de Produção:

Marina Freire

Tainá Mie Soares

Nathalia Batista

Equipe Audiovisual:

Julia Botafogo

Taís Lobo

Assistente Audiovisual:

Joanna da Hora

Estagiaria de Comunicação:

Milene Almeida

Entrevistadas:

Ana Carolina Anastácia de Moraes

Caren da Conceição Caetano

Carolina da Conceição Caetano

Cássia da Conceição Caetano

Cristina da Conceição Peixoto

Elen da Silva Geraldina

Rayane Jesus Vitória

Salete Feliciano da Silva

Tatiana das Neves Silva

Drone:

Fábio Mesquita

A todas as mulheres marisqueiras

Em Memória de

Damiana Silva Lopes Sodré

Geovana de Souza Costa

Contato

www.geodesicaproducoes.com

@geodesicaproducoes

imagensexpandidas@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fotografia expandida [livro eletrônico] : as marisqueiras / [idealização, coordenação geral e produção executiva Julia Botafogo ; produção Joanna da Hora ; fotografias Josemias Moreira ; produção de texto Ademas da Costa, Marina Freire, Tainá Mie Soares. -- Niterói, RJ : Ed. dos Autores, 2024.
PDF

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-01-20529-8

1. Catadores de mariscos 2. Fotografias
3. Mulheres - Aspectos sociais 4. Niterói (RJ) - História I. Botafogo, Julia. II. Hora, Joanna da. III. Moreira, Josemias. IV. Costa, Ademas da. V. Freire, Marina. VI. Soares, Tainá Mie.

24-235483

CDD-779

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias : Arte 779

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Niterói

2024